

**Uma edição, dois estados e algumas questões por resolver:
o “Inferno dos Namorados” de Duarte de Brito no *Cancioneiro Geral***

Cristina Almeida Ribeiro
Centro de Estudos Comparatistas, Univ. Lisboa

Sara Rodrigues de Sousa
Centro de Estudos Comparatistas, Univ. Lisboa &
ISLA Campus Lisboa - Laureate International Universities

Ao contrário do que acontece com grande parte do *corpus* cancioneril castelhano, transmitido em impressos e manuscritos cujas variantes proporcionam aos editores modernos um importante manancial de dados compulsável nos seus exercícios de edição, salvo raríssimas exceções as quase novecentas composições poéticas que integram o *corpus* português têm no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende o seu único testemunho conhecido, com todos os inconvenientes que daí resultam e que se tornam tanto mais prementes quanto maior é o grau de obscuridade dos textos a editar. Nestas circunstâncias, adquire ainda maior importância o facto, em si mesmo significativo, de os primeiros fólios dos exemplares conservados da edição de 1516 apresentarem entre si diferenças sobre as quais recai a expectativa de uma possível clarificação de versos que incluem vocábulos ininteligíveis e por isso aparecem como enigmáticos aos leitores dos nossos dias.

Tal facto, subestimado –quando não ignorado– pelos estudiosos da compilação dada à estampa por Garcia de Resende, deu ao longo dos tempos azo a alguns equívocos, que têm um conhecido exemplo na extensa e severa crítica de A. Epifânio da Silva Dias à edição de E. H. von Kausler, evocada em mais de uma ocasião por Pedro Caruso, que a explica precisamente por o crítico, desconhecedor da existência de variantes, ter utilizado na sua recensão um exemplar diferente do utilizado pelo editor alemão (Caruso 1977, 154-55), daí resultando não terem razão de ser cerca de 40% das suas observações (Caruso 1993, 205). A variação presente na *editio princeps* é conhecida, no entanto, pelo menos desde finais do século XIX, e, embora tenha alimentado especulações acerca do processo de composição do livro desenvolvidas por autores como Carolina Michaëlis de Vasconcelos –pioneira na abordagem do tema e defensora da teoria das etapas sucessivas, propiciadoras de revisão e emenda em momentos intermédios (Vasconcellos 15 n.6)¹ –ou André Crabbé Rocha– defensora, por seu lado, da tese das duas edições em 1516, a segunda das quais, emendada, deveria substituir a primeira (Rocha 1949, 146)–, só em 1977 viria a ser objecto de estudo circunstanciado, num artigo, hoje clássico, de Helena Marques Dias e Ivo Castro.

¹ A autora remete aqui para anterior artigo seu –“Zum Cancioneiro Geral”. *Zeitschrift für romanische Philologie* 5 (1881): 80-85–, de que temos conhecimento apenas indirecto (cf. Dias e Castro 94-96).

Na verdade, foi no âmbito da investigação que conduziu à publicação deste artigo que, pela primeira vez, se levou a cabo a colação sistemática das variantes do *Cancioneiro Geral*, exercício que permitiu rever a fundamentação das variantes binárias com a teoria das duas edições proposta por André C. Rocha, que justificava a existência de exemplares híbridos com o agrupamento de fólhos oriundos de famílias distintas no momento de brochar. A improbabilidade daquela hipótese, num momento em que as condições do mercado livreiro dificilmente comportariam uma segunda edição tão próxima da primeira, veio a ser confirmada pelo reconhecimento do facto de as variantes estarem concentradas nos primeiros quarenta e sete fólhos (desigualmente, uma vez que não se reflectem em todos eles) e no fol.LIV, que forma um par conjugado com o fol.XLVII, de um volume com duzentos e trinta e dois. Estes dados, que permitiram introduzir no discurso sobre os aspectos materiais desta obra a noção de “estado”, levaram a que a investigação fosse reorientada no sentido de identificar as circunstâncias que poderiam ter determinado a necessidade de recompor e de reimprimir uma parte do livro uma vez, garantindo os autores que todas as variantes triplas identificadas ao longo da história das reflexões sobre a edição quinhentista do *Cancioneiro Geral* se devem a erros de transcrição, a falhas de reprodução ou à natural degradação dos exemplares. As variantes, que Helena Marques Dias e Ivo Castro atribuem ao trabalho de dois compositores, em momentos diferentes e a partir, provavelmente, de um mesmo original,² podem ser, por seu turno, acidentais ou substantivas, respeitando as primeiras, muito mais numerosas, a diferenças na ortografia, na pontuação e na apresentação tipográfica,³ e ao sentido do texto, as segundas. Embora não se dediquem à análise destas últimas, Dias e Castro

² Assinale-se que, nesse mesmo ano, do outro lado do Atlântico, Caruso continuava a falar de dois *stemma* e da superioridade de um em relação ao outro (Caruso 1977, 154 e 155 n.28). Mas assinale-se também, em contraponto, o curioso cepticismo de Jorge A. Osório, que, num tempo bem mais recente e adoptando uma perspectiva radicalmente oposta, manifestava dúvidas quanto à existência de “um manuscrito geral original preparado para a tipografia de Hermão de Campos com todo o cancionero copiado” para em seguida acrescentar: “O que deve ter sucedido foi que muito material foi chegando com o trabalho de composição e de impressão em andamento, com certeza de forma mais sensível na parte final, onde de facto os pedidos de Resende se mostram mais incisivos face a resistências de alguns autores, que pareciam não compreender o alcance da tarefa da publicação” (Osório 315).

³ À identificação do tipo de variações, que justificam com “[f]altas de palavras, de sílabas ou de tipos, trocas de tipos (*n/u*, *r/t*, *b/h* são os mais frequentes), troca na posição de palavras, utilização de tipo errado”, acrescentam os autores que a lição correcta não está sempre no mesmo exemplar, donde concluem que “ambos os estados apresentam erros e que nenhum deles é uma versão corrigida do outro, ao contrário do que supunha Carolina Michaëlis” (Dias e Castro 106). O estudo defende, de resto, que os exemplares só foram finalizados depois de impressos os dois estados, que não foram sistematicamente separados na encadernação, e aventa como justificação para a refeitura de um conjunto de fólhos o seguinte cenário: a composição teria estado a cargo de um compositor até ao par XLVII/LIV e a mudança de compositor teria sido acompanhada da decisão de aumentar a tiragem ou de substituir folhas impressas; este segundo compositor, que não comete erros detectados no outro estado, terá recomposto o texto desde o início e a partir do original. Esta hipótese é reforçada pela informação relativa a uma outra mudança, de lugar, presente no colofon, que situa a impressão em Almeirim e em Lisboa (Dias e Castro 119-23).

não deixam de recomendar o seu estudo, que consideram necessário a uma edição crítica do “Cuidar e suspirar” e da obra de D. João de Meneses, do Coudel-mor, de Álvaro de Brito Pestana, de Nuno Pereira, de Álvaro Barreto, de João Gomes, de Duarte de Brito e de D. João Manuel, poetas representados no conjunto de fólios de que existem testemunhos variantes.

Para ensaiar uma resposta a esta recomendação, entendemos, depois de algumas hesitações, concentrar a nossa atenção num único texto, de um certo fôlego, não desprovido de mérito literário, cuja autoria pertencesse a um poeta não editado autonomamente em data posterior ao artigo de Dias e Castro e para o qual tivesse sido assinalada por estes pelo menos uma variante substantiva, a par de algumas variantes ortográficas. A escolha recaiu numas trovas de Duarte de Brito, poeta que entra no número daqueles que se distinguem da “massa amorfa de versejadores” e se mostram capazes de “projectar nos seus versos conteúdos emotivos ou intelectuais por eles efectivamente experimentados ou assumidos” (Rocha 1979, 15-16) e que nelas conta, segundo a rubrica, o que a ele e a outro aconteceu com um rouxinol e as muitas coisas que viu, num episódio de natureza alegórica, relatado ao longo de oitenta coplas de estrutura regular, cada uma das quais com onze versos de redondilha maior, quebrados em 8 e 11, e rima segundo o esquema ABAABCDCDe.

Trata-se de uma composição de recorte erudito, que inclui um dos mais antigos “infernos dos namorados” da literatura portuguesa,⁴ e isso lhe tem merecido o renovado interesse de sucessivas gerações de estudiosos, empenhados sobretudo em identificar as fontes de que Duarte de Brito lançou mão ao elaborá-la ou em caracterizar a interpretação que faz da tradição alegórica e avaliar o contributo que dá para a sua reconfiguração. Assim, depois de Jole Ruggieri, sem esquecer outras aportações castelhanas, provençais e francesas, ter posto em relevo a dívida de Brito para com o Marquês de Santillana e o seu *Infierno de los enamorados* (Ruggieri 113-18) e de, na mesma senda, Pierre Le Gentil ter acentuado a relação de proximidade entre os dois autores, ao considerar Duarte de Brito “[p]lus pénétré de la manière de Santillane que les Castellans eux-mêmes” (Le Gentil I, 277),⁵ Gerardo Pérez Barcala veio recentemente esgrimir argumentos a favor do recurso do autor português à novela

⁴ No *Cancioneiro Geral*, registam-se, a par destas trovas, o “Fingimento de amores”, de Duarte Brandão (XCVIIr-XCVIIIr), e a carta trovada em que Anrique da Mota discorre sobre uma outra visão infernal (CCVv-CCVIr), todos estudados por Valeria Tocco (1994). A este elenco Margarida Vieira Mendes acrescentou a segunda parte (XIV-XVr) do longo texto inaugural da colectânea de Garcia de Resende, o famoso “Cuidar e suspirar”, não deixando de aludir ainda ao facto de também as trovas do compilador à morte de Inês de Castro (CCXXIr-CCXXIIr) apresentarem “vestígios do mesmo género literário” (Mendes 127), enquanto Daniela Di Pasquale, que optou por se ocupar das composições de Diogo Brandão, Anrique da Mota e Garcia de Resende, inclui D. João Manuel no grupo dos cultores destes infernos, sem prestar nenhum esclarecimento sobre as razões dessa inclusão (Di Pasquale 13 n.1). Só a segunda destas autoras dedica à composição de Duarte de Brito um rápido apontamento (cf. Di Pasquale 24 n.58).

⁵ Também Aida Fernanda Dias deixou “consignados mais alguns pormenores” relativos a esta composição, visando o reforço “de uma influência castelhana, directamente haurida nos textos” (Dias 1978, 111) e em particular nos de Santillana.

de Juan de Flores, *Grimalte y Gradisa*, fundando-se não já na simples referência aos seus protagonistas, arrolados no elenco de amantes sujeitos aos suplícios infernais (cf. Ruggieri 117; Dias 1978, 16), mas em semelhanças que situa no plano narrativo e se traduzem tanto na partilha de motivos como naquilo a que chama decalques sintácticos, convencido de que “[l]a identidad del punto de vista narrativo y el común objetivo de plasmar las penas de amor abrían las puertas para que también del género sentimental se sacase partido en la alegoría del Cancioneiro” (Pérez Barcala 134). Já Valeria Tocco perspectivou os três textos do *Cancioneiro Geral* que considera reelaborarem a tradição da viagem pelo inferno de amores no sentido de determinar a influência na sua composição das fontes clássicas e medievais (na sua conformação monástica e profana) e de avaliar a sua originalidade relativamente ao modo como o *Infierno* de Santillana, as composições menores de Mena, a *Visio Tungdali* e a *Divina Comédia* a haviam tratado. A propósito do texto que aqui nos ocupa, veio a autora demonstrar que se trata de um exercício escolástico que evidencia conhecimentos literários, mitológicos e astronómicos, complexo do ponto de vista da organização e da *elocutio*, fortemente iterativa, sem no entanto primar pela diversidade lexical ou se distinguir pelo conteúdo dos diálogos ou pela finalidade edificante, moral ou exemplar (Tocco 308-14).

Especialmente atento, por seu turno, ao edifício retórico que suporta este “inferno dos namorados”, Rosado Fernandes sublinhou nele a *dispositio* pré-renascentista, assim concretizada: “de um *proémio* e *invocação* (a que chama *excramaçam*), em que se invocam as Musas e Calíope, passa-se à *descrição* e *narração*, de contornos firmemente demarcados no seu avanço, até chegar a um espécie de *epifonema-peroração*, súpula de toda a filosofia do poema, e que mais não é do que o glosar metafísico das penas de amor” (Fernandes 351).

Em nenhum destes casos, porém, a fixação do texto foi objecto de questionação ou análise. À excepção de Valeria Tocco, que edita ela própria as composições de que se ocupa, os autores dos estudos referidos limitam-se, em geral, a trabalhar com a edição que têm ao seu alcance e, ou por privilegiarem abordagens de tipo macro-estrutural ou temático, ou por se deterem na observação detalhada de aspectos e passagens muito circunscritos, tendem a alhear-se das dificuldades pontuais que aqui espreitam o leitor: Jole Ruggieri baseia-se em Kausler; Le Gentil e Rosado Fernandes, em Gonçalves Guimarães; Pérez Barcala, em Dias. Quer isto dizer que o texto sobre que trabalham pode não ser, a rigor, sempre o mesmo, dadas as diferenças nos critérios de edição adoptados pelos vários editores e as leituras nem sempre coincidentes que estes fazem do impresso de 1516, mesmo quando se baseiam no mesmo exemplar da obra, como acontece com as várias edições publicadas em Portugal nos últimos cem anos (em 1910-17, 1973 e 1990-93), todas de iniciativa de professores da Universidade de Coimbra (Gonçalves Guimarães, Álvaro J. da Costa Pimpão e Aida Fernanda Dias)⁶ e

⁶ A lista não fica completa sem o nome de Andrée Crabbé Rocha, que, no entanto, figura numa espécie de segunda linha nesta sequência de edições, uma vez que os volumes editados com o seu nome, em

todas fundadas no exemplar da Biblioteca Geral daquela Universidade, que, segundo o quadro de concordâncias dos exemplares conhecidos (Dias e Castro 104), corresponde à lição do Res.110 da Biblioteca Nacional.

A edição, em cinco tomos, preparada por Gonçalves Guimarães é apresentada pelo seu responsável justamente como uma reprodução da edição *princeps* conservada na Biblioteca da Universidade de Coimbra, tendo as lacunas do referido exemplar, devidas a perda de fólhos (frontispício, *tavoada*, prólogo, armas do Príncipe D. João, fol.LVI, LXI e CLXXXIII) ou à sua mutilação (fol.CXXVIII), sido supridas com recurso aos três tomos da edição de Stuttgart, ao fac-símile da edição de 1516 publicado em 1904 por Archer M. Huntington – que, segundo a fonte já citada, conserva a mesma lição do exemplar de Coimbra, excepto no par de fólhos I/VI, correspondente à lição do Res.112 (Dias e Castro 104) – e a um exemplar não especificado dos que se conservam na Biblioteca Nacional de Lisboa, do qual terão sido apenas tidos em consideração o prólogo, o índice e fotografias do frontispício e das duas gravuras. Quanto aos editores mais recentes, que, para suprir as lacunas do exemplar de Coimbra, se socorreram do mesmo fac-símile, afirmam ter ainda consultado, para resolução de dúvidas, o exemplar da Biblioteca da Ajuda, que, porém, reproduzindo a lição do Res.112, só nos pares de fólhos XVI/XXI e XLVIII/LIII coincide com a do Res.110. A afirmação de preferência pela lição do exemplar da Ajuda sempre que esta fosse mais “aceitável” (Pimpão e Dias, ed. I, VI) ou “esclarecedora” (Dias, ed. I, XVII) revela que os editores tinham consciência desta diferença e pressupõe um trabalho de avaliação crítica e interpretativa, fundado no cotejo de ambas as lições, que, no entanto, não merece em nenhum dos textos introdutórios mais comentários ou explicações e não chega sequer a transparecer do modesto aparato crítico dessas duas edições.⁷

Quanto aos critérios de edição, é imediatamente evidente o maior esforço dos editores mais recentes em determinar as condições por que regeram a fixação do texto. De facto, enquanto Gonçalves Guimarães se limita a afirmar a preocupação em manter escrupulosamente a grafia da edição *princeps*, em adoptar a usada pelos “antigos poetas espanhóis” (Guimarães, ed. I, XVIII) na edição dos textos castelhanos, em desdobrar apenas as abreviaturas consideradas menos frequentes e em respeitar, de um

1973, oferecem reprodução anastática dos publicados por Gonçalves Guimarães, de que diferem apenas na introdução e nas notas, uma e outras da autoria daquela estudiosa.

⁷ No caso da composição de Duarte de Brito a que nos reportamos, são cinco os vocábulos em que ambas as edições registam o que dizem ser uma divergência entre o texto estabelecido e o dado a ler pela *editio princeps* e se referem a esta como se ela fosse homogénea, em notas que se iniciam com a abreviatura “Epr.” e terminam com a transcrição, em itálico, de cada uma das formas rejeitadas – “msys” (v.94), “confortar” (v.110), “viuss” (v.703), “hocas” (v.705) e ainda “Compacaçam” (rubrica entre o v.220 e o v. 221). Como poderá observar-se no anexo a este artigo, em todos esses casos, o erro tipográfico, por demais evidente, só existe num dos estados da edição de 1516 – o que está representado no exemplar de Coimbra e no Res.110. Refira-se ainda que os parêntesis rectos com que é habitual assinalar, no corpo do texto, intervenções do editor são aqui usados indistintamente em palavras em que havia erro tipográfico em ambos os testemunhos quinhentistas – “monta[n]has” (v.209) – e em palavras de que o estado A, do Res.112, apresentava lição correcta – “cant[a]res” (v.57), “cuida[n]do” (v.418).

modo geral, a pontuação existente, acrescentando com sobriedade vírgulas e dois pontos e reservando o uso do apóstrofo para grafar a abreviatura da terminação átona em *-os* ou em *-us*, já as outras duas edições revelam preocupações menos conservadoras e mais orientadas para a normalização e actualização dos textos, embora nem sempre coincidam nos seus critérios. Aparecem como preocupações comuns o desdobramento de abreviaturas, a pontuação parcimoniosa, a introdução de maiúsculas, a separação de vocábulos unidos e a união de vocábulos separados. Mas a descrição da intenção comum de normalizar as grafias duplas e o uso de *v* com valor vocálico e de *u* com valor consonântico torna já sensível a maior exaustividade da segunda edição no estabelecimento de critérios e na acção normalizadora, já que Pimpão e Dias mantêm o uso do *u* com valor consonântico e se limitam a simplificar as grafias duplas em posição medial.

As divergências entre as duas edições acentuam-se a propósito de outros critérios que confirmam a tendência mais económica de Pimpão e Dias, relativamente a Dias. Assim, enquanto os primeiros respeitam a ortografia e mantêm o aportuguesamento dos vocábulos espanhóis, Dias aplica-lhes os mesmos princípios que aos portugueses; enquanto Dias normaliza a introdução dos acentos, do hífen e do apóstrofo, Pimpão e Dias apenas acentuam vocábulos susceptíveis de confusão e limitam a introdução do hífen a formas verbais ligadas a enclíticas. Quanto ao til, Pimpão e Dias normalizam o seu uso, enquanto Dias acrescenta *-m* ou *-n* a vogais nasais em posição medial representadas com til e *-m* a vogais nasais em posição final representadas com til ou seguidas de *-n*. Finalmente, a intervenção mais activa do editor em Dias volta a manifestar-se na interposição do *-u-* entre *ge* ou *gi* quando lhe corresponde valor oclusivo, ao passo que Pimpão e Dias mantinham a lição, reconhecida como inconstante, do original, e na eliminação da cedilha no *c-* seguido de *-e* ou de *-i*, enquanto antes se optava pela sua aplicação sistemática, excepto nas *Coplas do menospreço das cousas do mundo*.

Se apenas não encontramos correlato em Dias para a decisão de Pimpão e Dias de transcrever a grafia *f* como *s* e a “correção” de algumas letras (a saber: *c* por *e*, *e* por *c*, *ç* por *c*, *c* por *ç*, *n* por *u*, *u* por *n*, *f* por *f*, *d* por *o*, *r* por *x*), Dias acrescenta outros critérios sobretudo tendentes à normalização de dígrafos, mas também à uniformização das grafias *coal* e *goal*, *casy* e *c’assy* em *qual*, *quasi* e *qu’assi* e à conservação das implosivas etimológicas.

A leitura dos textos mostra, contudo, que nem sempre as intenções editoriais plasmadas nos prólogos de cada uma destas publicações são escrupulosamente cumpridas. Com efeito, registámos algumas intervenções editoriais imprevistas, em casos em que as lições encontradas no Res.110 e no Res.112 são convergentes e de que apresentamos três exemplos. Dois deles, contrários à sua vocação assumidamente conservadora, são sensíveis na edição de Gonçalves Guimarães. No primeiro, o editor escreve no final do v.34 a forma “Ílpiray” (Guimarães, ed. I, 338), quando a edição *princeps* regista sempre “elpiray”, como transcrevem também as edições mais recentes, nas formas “espiray” (Pimpão e Dias, ed. I, 131b) e “espirai” (Dias, ed. I,

310). O segundo, patente no v.621, consiste em grafar a contracção da preposição “por” com o artigo “as” na sua forma mais antiga “polas”, talvez por analogia com o que se observa no verso imediatamente anterior, mas em flagrante contraste com o registo dos restantes editores, que grafam “pelas” em conformidade com os dois testemunhos quinhentistas (Pimpão e Dias, ed. I, 139b; Dias, ed. I, 329). A terceira intervenção editorial inesperada encontra-se nas edições mais recentes: trata-se da substituição, no v.690, da forma infinitiva do verbo “ir” pela primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo “ver” (Pimpão e Dias, ed. I, 140a; Dias, ed. I, 331). Embora o resultado desta substituição, não assinalada pelos editores, seja coerente com outras ocorrências daquela forma do verbo “ver” nas quatro estrofes precedentes, não encontramos no testemunho impresso original qualquer agramaticalidade ou quebra de sistematicidade que legitime esta intervenção, que, assim, consideramos errónea, mas possivelmente decorrente de um lapso na transcrição do texto para a edição de 1973, que a de 1990 poderá também ter tido em conta, uma vez que é da responsabilidade de um dos editores da anterior.

Traçado este quadro geral e ilustrados os pequenos desvios aos vários programas editoriais já com exemplos colhidos no texto de Duarte de Brito que elegemos como objecto de trabalho, fixemo-nos enfim nele e nos seus problemas. Tomando como ponto de partida a mais recente edição do *Cancioneiro Geral* (Dias, ed. I, 309-37), procuraremos identificar as zonas nebulosas da composição para depois cotejarmos as passagens seleccionadas com as oferecidas pelas edições imediatamente anteriores da compilação de Garcia de Resende (Pimpão e Dias, ed. I, 131-42; Guimarães, ed. I, 336-68) e em seguida recuarmos à edição de 1516 (Resende XXXVIII-XLV), lida por dois dos exemplares conservados na Biblioteca Nacional, o Res.110 e o Res.112. Como atrás ficou dito, estes dão testemunho dos dois estados de composição da *editio princeps* –B e A, respectivamente– e é nosso objectivo averiguar até que ponto a consideração das variantes por eles oferecidas contribui para a resolução dos problemas detectados, já por propor uma alternativa à lição conhecida, já por abrir caminho à reconstituição conjectural do texto na sua existência anterior à primeira impressão do cancionero.⁸ No decurso deste processo, não deixaremos de ter ainda em conta, nem os contributos de André Crabbé Rocha nas suas anotações ao trabalho de Gonçalves Guimarães (Rocha, ed. I, 449-50), nem os de duas outras editoras do texto de Duarte de Brito, tratado isoladamente num caso (Loja 66-123) e no quadro dos “infernos de amores” portugueses no outro (Tocco 308-14 e 321-47).

⁸ Para o leitor poder ter a percepção do tipo e do número de variantes de que falamos, pareceu-nos oportuno apresentar em anexo a transcrição integral do texto num destes exemplares, fazendo-a acompanhar das variantes detectadas no outro. Porque no nosso horizonte se perfila, a médio prazo, uma nova edição do *Cancioneiro* de Resende que desejamos tão homogénea quanto possível, tomámos como texto-base a lição do Res.110, atendendo a que ficou já demonstrado serem colaterais os dois estados conhecidos da obra –circunstância que autoriza o editor a fazer a sua própria escolha de um deles (Gaskell 341)– e a que, não indo os testemunhos do estado A além dos primeiros cinquenta fólios, o estado B é o que mais nos aproxima daquele desiderato.

Se algumas das soluções expressivas encontradas por Duarte de Brito nestas suas trovas nem sempre são as mais felizes e podem mesmo levar a que se questione a capacidade poética do seu autor, ocasionalmente emurchecida sob o peso de um discurso que se alonga talvez em demasia ou se verga, a espaços, a imperativos de natureza técnica, forçoso é reconhecer que esta última é por ele encarada, ao longo de oitocentos e oitenta versos, com uma constante preocupação de rigor, característica, aliás, extensiva ao conjunto da sua produção poética e geralmente assinalada pela crítica. Por essa razão, não pode deixar de notar-se o facto de o esquema rimático adoptado ao longo de oitenta coplas ser infringido duas vezes: o v.759 falha a rima com o v.756, ao oferecer a palavra “alegrias” onde se esperava encontrar alguma outra terminada em *-eiras* que rimasse com “maneiras”, enquanto o v.764, terminando em “Tisbe”, falha a rima com o v.761, que acabara com o nome de “Dane”.

A propósito do primeiro caso, também sinalizado por Daniela Loja (115 n.7), Valeria Tocco remete para um trabalho de Dorothy Clarke sobre a prática da assonância em alternativa à consonância na poesia castelhana coetânea (Tocco 313 n.70). A consulta do referido artigo não mostra, contudo, que tenham sido considerados como manifestação deste fenómeno casos como o deste par, formado por duas palavras que têm em comum os sons *i* e *a* em posição de rima, mas integrados em construções que atenuam a sua potencial consonância, em virtude de duas ordens de factores: por um lado, a sua posição relativa, estando intermediados pela líquida *r* em “maneiras” e justapostos em “alegrias”; por outro, o distinto comportamento do *i*, que forma ditongo com o *e* imediatamente anterior no primeiro caso, mas que mantém a sua autonomia e tonicidade no segundo. A dupla variação registada distingue, portanto, este caso daqueles que mais se lhe aproximam no inventário disponibilizado por Clarke, que mostra apenas admitirem-se pares nos quais as vogais consonantes estão em posição contígua numa palavra e separadas por uma consoante na outra, como no par *vias-mentiras* (Clarke 1116). Ao estudar o fenómeno da rima imperfeita, que ocorre sempre que a “homofonia nas palavras que rimam tem certas diferenças consonânticas ou vocálicas”, Amorim de Carvalho afirma serem especialmente abundantes na poesia portuguesa os casos pautados por uma pequena diferença fonética de sons vocálicos em posição tónica e ocasionalmente também pós-tónica, de que dá ampla ilustração (Carvalho I, 304-08). Atentando na diversidade de exemplos por ele compilados, que contemplam, na rima entre palavras paroxítonas, quer a conjugação de uma mesma vogal ou de um mesmo ditongo com timbres diferentes (como em *atravessa-espessa*, *rezas-acesas* ou *flores-arredores* e em *venceu-céu* ou *foi-destrói*), quer a combinação de uma vogal com um ditongo em que, com ou sem variação de timbre, ela permanece como tónica a que se junta uma semivogal (como em *desejos-beijos* ou em *harmoniosa-ousa*), verificamos que não é possível encontrar qualquer caso que reúna as características acima descritas, devendo, pois, concluir-se ser inaceitável a hipótese de rimarem entre si “maneiras” e “alegrias”, por serem diferentes as vogais tónicas em presença.

Será porventura mais razoável explorar a possibilidade de ter ocorrido uma troca de tipos na passagem do manuscrito ao impresso, uma vez que o vocábulo imprevisto inclui, em posições diferentes, as cinco letras da terminação “e-i-r-a-s”; mas a palavra “algeiras” não está atestada em nenhum dicionário e também não há nenhum registo da alternativa “algieiras”. Falhada esta tentativa de correcção, resta admitir que o erro tipográfico esteja, não no segundo verso, mas no primeiro, onde “manias”, na sua acepção de “loucuras de amor” (Machado IV, 47), poderá ser alternativa a “maneiras”. Tal hipótese tem de ser encarada com alguma reserva, dada a necessidade de encontrar uma explicação razoável para um erro accidental, improvável por ser comum aos dois compositores de 1516, uma vez que os estados A e B são aqui rigorosamente coincidentes. No entanto, tendo aquele vocábulo entrado na língua portuguesa, como refere José Pedro Machado, por via culta e, segundo parece, no século XVI –o exemplo por ele aduzido é da écloga “Basto” de Sá de Miranda–, não é de excluir a possibilidade de este texto conter uma das suas mais antigas ocorrências, o que explicaria que nem o compositor A nem o compositor B o reconhecessem e que ambos, por um fenómeno de hipercorreção, o substituíssem por outro que lhes fosse familiar. Na ausência de informação mais circunstanciada para o português, vale a pena lembrar que, no castelhano, o termo “manía” é documentado pela primeira vez em Nebrija (Corominas III, 231b; Nieto Jiménez y Alvar Ezquerro VII, 6435b), no *Dictionarium ex hispaniense in latinum sermonem*, datado de 1495 ou um pouco antes. Se a esta informação juntarmos uma outra, contida no verbete de Corominas, segundo a qual “manía” figura também no *Universal vocabulario en latín y en romance*, de Alonso Fernández de Palencia (Sevilla, 1490), onde este autor, “aunque emplea el vocablo en contexto castellano, lo hace definiendo la palabra como latina”, compreenderemos que é nesses últimos anos do século XV que ela entra no castelhano, o que nos parece reforçar a probabilidade de algo de semelhante se ter passado, em época não muito distante, na língua portuguesa. Os dois exemplares observados, que coincidem no v.756 e apresentam uma pequena diferença no v.759, grafando num caso “da legrias” (Res.110) e noutra “dalegrias” (Res.112), não oferecem nenhuma pista que permita alargar o leque de possibilidades de leitura dos dois versos e restituir doutro modo uma rima notoriamente ausente.

Já no segundo caso nada de semelhante se vislumbra e a única hipótese de rima, toante apenas, entre os dois versos parece residir na deslocação do acento para a última sílaba de cada uma das palavras em posição final. Ao editar o texto, Daniela Loja, ao contrário de todos os outros editores, escreveu justamente “Dané” e “Tisbé” (Loja 116). Existem pelo menos três argumentos que legitimam esta leitura: por um lado, a frequência com que os nomes mitológicos são deturpados na poesia da época, ao sabor de contingências de vária ordem, a que nem a rima nem a métrica são alheias; por outro, a ocorrência de vocábulos inequivocamente oxítonos em que a tónica é representada pela vogal simples *e* e ainda o facto de, numa outra composição do *Cancioneiro Geral*, de D. João Manuel em louvor de Santo André (Dias, ed. I, 405-07; Resende XLIXv-Lr), o nome da amada de Píramo, grafado agora com *e* geminado, tanto

na edição moderna como nos dois estados da edição príncipe, rimar com “Nazaree” e com “Andre”, num exemplo flagrante dessa hesitação ortográfica que aqui pretendemos sublinhar. Parece, pois, adequado considerar neste caso oxítonos os nomes das duas figuras mitológicas, mas não pode negligenciar-se o efeito que tal decisão tem sobre a métrica. Neste ponto, os resultados são de sinal contrário: a deslocação da sílaba tónica corrige a hipometria do v.764 mas torna o v.761 hipométrico e, aparentemente, só a supressão da conjunção inicial, presente de novo em ambos os estados do impresso de 1516, pode eliminar esta hipermetria. Não devemos, porém, esquecer que esta é uma poesia que vive pela elocução e, na elocução, a inoportuna sílaba extra facilmente se dilui, uma vez que a circunstância de o verso anterior terminar em *a* e este se iniciar com *e* permite uma discreta ditongação no *enjambement* dos dois versos, que é semântica e sintacticamente aceitável.

Este é um aspecto importante, porque, à semelhança da rima, também a métrica tende a ser respeitada pelo poeta, da primeira à última copla, na alternância regrada de redondilhos e quebrados. De acordo com uma prática muito comum na poesia da época, a sinérese resolve os casos de aparente hipermetria –v.520 (“como soem as desejadas”), v.582 (“com as Harpias mui raivosas”),⁹ v.605 (“pera os contar”), v.661 (“Ali vi estar a Priteo”),¹⁰ v.694 (“Assi estando espantado”) e v.698 (“do que via, estava quedo”)– tal como a diérese resolve os de aparente hipometria –v.503 (“meu mal”) e v.521 (“saudades apartadas”). Menos transparente é o que se passa com o v.561, também hipométrico, onde não ocorre nenhum ditongo passível de desmembramento conformador a exigências de ordem métrica; ainda assim, não parece impossível a epêntese de um *e* quebrando o grupo consonântico inicial da palavra “bramidos” e oferecendo a esta –e ao verso que integralmente ocupa– a sílaba em falta.¹¹

Tornam-se por isso muito evidentes a hipometria do v.125 (“e no Filho s’esmalta”), produzida por uma elisão avessa à regularidade métrica e certamente por isso não adoptada em situações análogas (vv.405 e 541), e a do v.629 (“aos humanos inotos”), resultante de uma contracção não atestada, sob a mesma forma, em nenhuma outra ocorrência ao longo do texto, independentemente de o artigo definido associado

⁹ Note-se que, embora a nasalidade da preposição com que se inicia o verso –representada pelo til no Res.110 e pelo *m* no Res.112– não constitua obstáculo ao processo a que nos referimos, são frequentes na grafia da época os casos em que esse traço desaparece, passando a preposição a ser grafada “co” e tornando-se ainda mais fácil a contracção entre ela e o artigo definido.

¹⁰ Note-se que neste caso o Res.112 grafa “viftar”, forma contracta que supõe aférese em “estar” e que se esperaria que a edição moderna representasse com substituição do *e* pelo apóstrofo, como noutros casos em que se verifica o mesmo fenómeno –nenhum nesta composição, mas vários no cancionero– e também nos de apócope –de que há, entre outros, exemplos no v.702, onde “qu’ardiam em vivo fogo” actualiza “cardiam em viuo fogo”, e no v.830, onde “cõ cas minhas acendia” resulta em “com qu’as minhas acendia”.

¹¹ No Res.112, que neste passo não difere do Res.110, o v.643 inclui a palavra “pederas” em vez de “pedras”. Tal lição –aí claramente errónea, uma vez que resulta em hipermetria– oferece representação gráfica do fenómeno a que aqui nos referimos e que, de realização tipicamente oral, não costuma ser registado na escrita pelos poetas.

à preposição “a” se encontrar no plural, como aqui (vv.25, 26 e 824), ou no singular (vv. 167 e 417). Em todos esses casos, a representação gráfica da contracção, variando embora, sinaliza uma realização fonética em crase e não em ditongo, razão pela qual parece legítimo admitir a presença de uma anomalia no v.629. O confronto destes dois versos da edição de Dias com os seus correspondentes em Pimpão e Dias e em Guimarães mostra-nos que, enquanto aqueles adoptavam já a grafia aglutinadora, este, conservador, mantinha nítida a separação entre “se” e “esmalta” e entre “a” e “os”. De facto, é assim, separadas, que essas palavras se apresentam em ambos os estados da *editio princeps*, com o Res.112 a corroborar a lição do Res.110 e a reforçar o argumento contra decisões editoriais lesivas da métrica que o registo original procurara, por sua parte, salvaguardar.

Deixámos intencionalmente de lado um último verso hipermétrico, o v.776 (“Hipolito, Fedra, Semeta,”), porque essa irregularidade é nele acompanhada por outro e mais importante problema. Com efeito, no que se refere à hipermetria, verifica-se uma vez mais a possibilidade de a superar: as características da sílaba pós-tónica da palavra com que se inicia o verso propiciam a síncope da semivogal que a integra, reduzindo a palavra de quatro a três sílabas e normalizando a métrica.¹² Se este acaba por ser um ponto pacífico, já quanto ao antropónimo final, lido com algum desconforto pela editora –“Estará por Sémele?” (Dias 2003, 633a)–, dificilmente se dirá o mesmo. Embora ela própria se abstenha de fazer observações a este respeito, parece claro que, ciente de que no exemplar com que trabalha as palavras surgem às vezes entrecortadas por espaços, Aida F. Dias chega ao nome “Semeta” ao juntar, não sílabas ou grupos de sílabas desprovidos de autonomia morfossintáctica e de valor semântico, mas dois vocábulos que, sendo reconhecíveis, se afiguram inadequados ao contexto: “se meta”. Apesar de o exercício enumerativo que Brito desenvolve nesta parte da composição não excluir a presença de formas verbais, o sentido do verbo “meter” não se coaduna com a história das personagens a que se reporta e o presente do conjuntivo aqui configurado casa mal com o contexto discursivo, razão pela qual, mesmo admitindo que um duplo erro tipográfico possa ter transformado “someta” (do verbo “someter”, com o sentido de “humilhar”) em “se meta” e substituído um verbo aceitável por um inaceitável, a leitura permanece insatisfatória.¹³ Talvez por isso Aida F. Dias tenha optado –tal como os seus antecessores, aliás– por ler um nome próprio onde parecia haver um verbo, sem grande convicção, no entanto, quanto à identidade da personagem nomeada.¹⁴ Aceitando que se trate mesmo de Sémele, resta saber donde provém a confusão antroponímica, se é pertinente a justaposição, no verso,

¹² O fenómeno é semelhante ao que se observa, por exemplo, em “estrelidade” (v.211), onde à queda do *i* se acrescenta a metátese do *r* (esterilidade > esterlidade > estrelidade).

¹³ Só Valeria Tocco, que se baseia no fac-símile do exemplar da Hispanic Society of America publicado em 1967, parece ter opinião diferente, ao assumir essa leitura e editar: “Ipolito Fedra se meta” (Tocco 344).

¹⁴ Daniela Loja, que fez a mesma leitura, esclarece, referindo-se a Semeta e sem indicar as suas fontes: “Estava nos Infernos onde seu filho foi buscá-la” (Loja 117 n.8). Também ela, portanto, parece reconhecer em Semeta a mãe de Dionísio.

destes três nomes e como se relaciona ele com os que o precedem e o seguem na copla de que faz parte. Não tendo nós explicação para o surgimento de um antropónimo de que não conhecemos nenhuma outra ocorrência e que parece insuficiente justificar pela necessidade de encontrar uma rima para “Fiometa”, temos, em contrapartida, razões para questionar a associação desse nome, claramente desgarrado, a uma série de pares amorosos consagrados pela tradição clássica ou oriundos da recente novelística castelhana e italiana. Nunca os caminhos de Sémele se cruzaram com os de Hipólito ou de Fedra, nenhuma Semeta interveio na história de Ardanlier e Liesa, não são da mesma ordem, apesar de igualmente trágicos, o amor unilateral de Fedra por Hipólito e o amor recíproco de Liesa e Ardanlier, Hipólito não pode ser apelidado de “namorado”. E, no entanto, o nome próprio no final do v.776 estabelece a articulação dos dois pares e, inscrevendo-se numa série, produz um efeito enumerativo, ao mesmo tempo que actualiza a bipartição da segunda parte da copla em que se insere, potenciada pelo jogo semântico e pela posição estratégica dos adjetivos verbais “namorados” (v.778) e “desesperados” (v.781), cada um dos quais passa a qualificar o conjunto das personagens nomeadas no segmento discursivo que nele culmina. Se do ponto de vista estrutural a solução pode considerar-se perfeita, já do ponto de vista semântico não deixará de parecer, mais uma vez, insatisfatória. E, mais uma vez, o cotejo dos dois exemplares da edição de 1516 não introduz nenhuma novidade neste quadro, já que o verso em apreço tem em ambos exactamente o mesmo aspecto: quatro palavras, com pequenos espaços a separarem-nas –“Ipolito fedra lê meta”– e a deixarem em aberto uma grande incógnita.

Não menos difícil se nos apresenta a dilucidação do v.656 (“seiras Danão com jueiras”), onde os problemas, gerados pela primeira palavra que nele ocorre, são também de natureza lexical e sintáctica, mas se colocam de maneira muito diferente. Falamos, neste caso, de uma palavra que, como assinalou Aida F. Dias, designa “[c]esto ou saco de tecido de esparto” e que, além de não ser desconhecida, também não é alheia à figura mitológica mencionada logo depois –“Duarte de Brito está referindo a sua visão do Inferno e, nela, a alusão a Dânao e à condenação de que foram vítimas quarenta e duas das suas filhas” (Dias 2003, 632a)–, embora seja indirecta a relação entre o objecto e a personagem cujos nomes são justapostos. Face à unidade estrutural que qualquer verso constitui, poderiam ser alegadas exigências métricas para justificar essa justaposição, que não deixa no entanto de chocar, tanto pela agramaticalidade de que está ferida, em virtude da ausência do conector que se sabe necessário entre os dois vocábulos,¹⁵ quanto pela impropriedade semântica que,

¹⁵ Ao contrário do que observamos em alguns sintagmas verbais dispersos ao longo das trovas, onde uma certa maleabilidade morfossintáctica permite que o verbo “começar”, por exemplo, possa ligar-se ao infinitivo de um outro verbo usando ou prescindindo da regência preposicional –“começámos (...) / de pagar” (vv.380-82), “começaram (...) / de dizer” (vv.406-07), mas também “começámos logo andar” (v.189), “começámos (...) / romper” (vv.325-26)– sem com isso causar dano à inteligibilidade da frase em que se inscreve, nos sintagmas nominais a rigidez é grande e não tolera a ausência de um elemento de ligação entre substantivos que não podem ser simplesmente justapostos; sendo inexistente a flexão casual, é indispensável uma preposição que indique a natureza da relação entre eles.

mesmo que a única preposição aqui admissível fosse explicitada, afectaria o conjunto, por não poder a rigor falar-se de “seiras de Danão”. Acresce que, lendo este verso em articulação com os anteriores, a inadequação se torna ainda mais evidente: sintacticamente, “seiras” tem a função de complemento directo do verbo “julgar”, numa aparente confusão entre o instrumento da punição aplicada às Danaides e as próprias Danaides. Defendendo que “deve haver corrupção do texto”, André C. Rocha, geralmente prudente, é aqui categórica: “Proponho: filhas de Danaos, *como o sentido require*” (Rocha, ed. I, 450; itálico nosso). Mas, se do ponto de vista semântico esta proposta é totalmente adequada, forçoso é também assinalar que, ao acrescentar a preposição omissa, ela produz alterações significativas na medida e no ritmo do verso e que estas têm um efeito negativo no equilíbrio do conjunto. Como nos casos anteriores, o Res.110 e o Res.112 coincidem, no entanto, neste enunciado, veiculando ambos um discurso que é desta feita relativamente eficaz no seu poder alusivo, mas caótico ao nível micro-estrutural.

Em nenhum dos outros passos do texto onde registámos a ocorrência de palavras inesperadas, estranhas ou mesmo ininteligíveis, este panorama se altera de modo significativo: remontando à edição de 1516, encontramos-as invariavelmente sob a mesma forma em ambos os estados. Assim acontece com “Verlo” (v.288), onde, passada a estranheza inicial, se reconhece, por força do contexto, o velo ou toirão de ouro, representando por sinédoque o carneiro graças ao qual Frixo logrou escapar à sanha da madrastra; assim acontece também com “Travaro” (v.620), que designa, de maneira deformada mas não impeditiva de identificação unânime, o Tártaro; assim acontece ainda com “Triste” (v.663), que o emparceiramento com Atreu permite, quase de imediato, identificar como Tiestes. Se os lexemas “verlo” e “trauaro” são inequívocos nos dois impressos de 1516 e se inequívoco é também neles o registo “atriste”, quase sempre lido pelos editores como resultado da junção tipográfica de preposição e antropónimo,¹⁶ já a origem de uns e de outro se nos afigura pouco clara, parecendo porém caber ao próprio poeta a responsabilidade pelas várias deturpações aqui mencionadas.

Aparentado com estes é, à primeira vista, o misterioso v.319: “em o lam”. Mas, ao contrário do que se verifica nos exemplos anteriores, o contexto não ajuda agora à decifração do enigma. Não há notícia de nenhum lugar chamado “lam” ou, admitindo a hipótese de um erro tipográfico assente na confusão entre *l* minúsculo e *i* maiúsculo, “Iam”. A palavra “Olam”, admissível dado o pouco rigor que muitas vezes caracteriza o corte de palavras na edição de 1516 e que permite transformar o que começa por ser interpretado como um artigo definido na primeira sílaba de um presumível topónimo, também não é nome de lugar conhecido. E se, na mesma lógica de recomposição morfossintáctica, aceitarmos ler no início do verso já não a preposição “em” mas a

¹⁶ Interpretação diferente é a de Valeria Tocco, que aí lê “a triste” (artigo definido + substantivo) e anota: “si riferisce probabilmente ad Erope, moglie di Atreo e amante del fratello di questi, Tieste, punita per il tradimento e gettata in mare” (Tocco 341n). Embora não seja de excluir liminarmente, esta hipótese parece-nos, no entanto, menos adequada ao contexto.

conjunção “e”, transferindo o *m* para a palavra seguinte e forjando em consequência um outro nome, antropónimo talvez, voltaremos a defrontar-nos com um insolúvel problema de inadequação, uma vez que na história de Latona não existe nenhuma personagem a quem convenha a designação assim encontrada e que possa surgir ao seu lado, formando com ela um par: “vi Latona / e Molam”. Esgotadas estas várias possibilidades de leitura, estamos, pois, perante um impasse, já admitido aliás noutras ocasiões, em jeito minimalista – na seca nota associada a este verso: “*sic*” (Pimpão e Dias, ed. I, 135b; Dias, ed. I, 320) – ou de forma mais circunstanciada – “*em o lam*: non identificato. Non si è neppure certi che la trascrizione sia esatta: potrebbe anche trasciversi *e Molam* oppure *em Olam*. Comunque sia, non è stato possibile individuare una ipotesi plausibile a spiegazione di questo sintagma” (Tocco 331n). A excepção a este quadro deceptivo espreita, porém, numa outra nota, no mínimo surpreendente, a propósito de “*lam*”: “Deve ser erro tipográfico logo na 1.^a edição. O poeta deve ter querido escrever *Cão*” (Loja 87 n.12). A autora nada adianta sobre os fundamentos e o sentido desta sua hipótese e também não explica a articulação sintáctica do verso. Referir-se-á, num contexto onde proliferam as referências aos mais diversos astros, a uma das constelações com aquele nome, Cão Maior ou Cão Menor? Radicará a observação que faz numa zona de intersecção entre mitologia e astronomia, que não conseguimos descortinar mas que, uma vez identificada, pode validar o complemento circunstancial de lugar inscrito no verso? Na ausência de elementos abonatórios desta leitura, subsiste o enigma.

Melhor fortuna é a da “*cham’apolea*” do v.219, onde o adjetivo, fixado já por Pimpão e Dias (I 134a), emerge como exemplo do segundo tipo dos “neologismos de ocasião, provocando um efeito cómico ou colmatando uma dificuldade de rima” (Rocha, ed. I, XIII), que, a par dos neologismos eruditos e dos arcaísmos, abundam no *Cancioneiro Geral*. Derivado por via popular do nome do deus Apolo, o adjetivo “*apolea*”, que não consta de nenhum dicionário, é sinónimo de “*apolínea*” e o seu reconhecimento supõe o trabalho do editor sobre o texto impresso em 1516, que é “*chama polea*” – grafado assim, com duas palavras – e oferece à leitura imediata uma outra forma adjectiva, também ela não dicionarizada, onde uns vislumbravam já o significado que viria a ser atribuído ao seu substituto (Rocha, ed. I, 449), mas outros, supondo uma outra derivação, encontravam antes uma ligação, de duvidosa pertinência, ao “*pólo*” (Loja 79 n.8).

Num discurso pontuado pelas sinuosidades de uma sintaxe nem sempre transparente mas não por isso incorrecta, a falta de concordância entre um sujeito e um predicado é nota dissonante a exigir atenção e a justificar uma eventual intervenção do editor. Acontece nos vv.394-95, o último dos quais termina com uma forma da terceira pessoa do singular que devia ser do plural: “*a vossas mercês pedimos / vossos nomes que nos diga*”. Sendo certo que o texto-base seguido pelos editores modernos apresenta esta forma errónea e sendo provável que a falta de correcção do erro se deva a uma sobrevalorização da rima em detrimento da normalidade sintáctica, uma tal opção afigura-se-nos duplamente questionável. Em primeiro lugar, porque a consulta

do Res.112 mostra que, no estado A, o próprio impresso de 1516 apresenta o verbo na terceira pessoa do plural; e, em segundo lugar, porque a aplicação desse elementar princípio morfossintáctico, embora se repercute sobre a rima e lhe altere a natureza, não a anula, continuando o v.395 a rimar com o v.392. Com efeito, no seu vasto estudo sobre versificação, Amorim de Carvalho, ao esboçar uma tipologia da rima imperfeita, mostra ser admissível a presença de vogais diferentes na sílaba pós-tónica das palavras em posição de rima, como em *audazes-oásis* (Carvalho I, 306), o que significa que na substituição do par “immiga-diga” pelo par “immiga-digam” a nasalidade adquirida pela vogal pós-tónica implica apenas a transformação de uma rima perfeita em imperfeita e não pode servir de justificação para se manter no texto um erro evidente, transmitido por uma parte apenas dos testemunhos conservados.

O único lugar em que os dois exemplares da edição de 1516 apresentam variantes semanticamente significativas ocorre a partir da quarta sílaba do v.159 e não é identificável a partir da última edição do *Cancioneiro Geral*, por ser pacífica a lição aí fixada, pese embora o *o* geminado que nela se conserva (Dias, ed. I, 315) e não é habitual na palavra “morte”, grafada com um *o* apenas nas suas outras vinte e nove ocorrências ao longo da composição. Enquanto no Res.110 podemos encontrar nesse verso uma oração formada por sujeito (“amor”), predicado (“tem”) e complemento (“volta”), no Res.112 achamos uma aglutinação do que aparece no anterior como dois vocábulos distintos (“amoortem”) separada do restante (“volta”) por um espaço, que cremos existir por motivos acidentais. De acordo com a hipótese, para que não achámos alternativa, de reconhecermos nas duas últimas sílabas a continuação do vocábulo iniciado na última sílaba da forma “amoortem”, esta sequência pode ser interpretada como “a morte envolta”.

A consulta das edições modernas permite-nos constatar a sua unanimidade na escolha da lição do Res.112, pese embora a variação gráfica com que a registam e a aglutinação ou a separação do substantivo morte e do adjectivo que o caracteriza. Embora não tenhamos encontrado nenhum apontamento a este respeito, consideramos serem facilmente reconstituíveis as razões pelas quais a escolha recaiu sobre a mesma lição no único caso em que as variantes fornecidas pelos dois exemplares são significativamente distintas. De facto, num contexto de recorte conceptista em que o Rouxinol se pronuncia sobre os efeitos nefastos mas camuflados do Amor (“seu bem traz com mil enganos”, “mortal dor com sospirar”, “os desejos sam pesar”), o Res.112 propõe uma representação clássica do engano (a morte envolta em prazer) como complemento directo da acção de trazer (v.158) de que o bem, metonímia do amor, é sujeito, enquanto o Res.110 apresenta uma oração sintacticamente desamparada, isto é, desprovida de qualquer conector que permita articulá-la com as anteriores, estruturalmente estranha (não pudemos encontrar neste cancionero nenhuma outra ocorrência da forma “tem [ou ter] volta”) e semanticamente desgarrada, já que implica

uma ideia de retorno ou de reincidência que não tem lugar num discurso sobre os efeitos paradoxais do amor.¹⁷

Como fica demonstrado pelo registo sistemático das variantes observadas em Res.110 e Res.112 no que toca ao texto de Duarte de Brito usado como amostra, os dois estados da edição de 1516 estão longe de apresentar apenas “cerca de 46 pequenas diferenças tipográficas e ortográficas” (Osório 297 n.22). Mas, podendo corresponder à proximidade ou ao afastamento de vocábulos, ao uso do sinal tironiano em alternativa à letra *e* para representar a conjugação copulativa, à aplicação irregular do til e do caldeirão, à oscilação entre o uso e a simplificação de grafias duplas e de dígrafos oclusivos sonoros, entre grafemas nasais e semivocais, à alternância entre *u* e *v* e entre *u* e *o* e à omissão, troca ou inscrição pontual de sílabas ou letras providas ou não de valor etimológico, estas variações raramente afectam vocábulos com valor preposicional ou modos verbais e quase nunca são passíveis de ser consideradas semanticamente relevantes. Considerado de um ponto de vista estritamente literário, o inventário de todas essas discordâncias pouco adianta ao esclarecimento das dúvidas suscitadas pela composição. Os resultados da colação de exemplares representativos dos estados A e B têm consequências imediatas no aparato crítico, designadamente nos casos em que o editor moderno sinaliza a correcção do que diz ser um erro da *editio princeps* mas, na realidade, se observa apenas numa parte dos seus exemplares ou naqueles outros em que assinala com parêntesis rectos, no corpo do texto, o acrescento de uma letra, em falta apenas num dos estados da edição de 1516. Mas, porque os casos de variação substantiva escasseiam, nenhum dos passos que consideramos nebulosos encontrou novas pistas interpretativas graças ao cotejo de exemplares que levámos a cabo, o qual não nos permitiu mais do que registar o facto de os dois coincidirem em formas que permanecem por ora incompreensíveis ou enigmáticas, qualquer que seja a natureza do problema que levantam.

¹⁷ Assinale-se, a título de curiosidade apenas, que a mais antiga das edições modernas apresenta uma outra leitura do mesmo sintagma, também ela desprovida de suporte sintáctico e semântico: “a moor tem volta” (Kausler, ed. I, 291).

Obras citadas

- Caruso, Pedro. "O *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende: história da edição de 1516." *Revista de Letras* 19 (1977): 141-55.
- . "Sobre o estilo e modo de falar e escrever." *Alfa* 37 (1993): 205-08.
- Carvalho, Amorim de. *Teoria geral da versificação*. 2 vols. Lisboa: Império, 1987.
- Clarke, Dorothy. "Imperfect Consonance and Acoustic Equivalence in *Cancionero* Verse." *Publications of the Modern Language Association* 64:5 (Dec. 1949): 1114-22.
- Corominas, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. 4 vols. Bern: A. Francke, 1954.
- Di Pasquale, Daniela. "Tre risonanze dantesche nel *Cancioneiro Geral* di Garcia de Resende." *Studi portoghesi*. Roma: Aracne, 2009. 13-26.
- Dias, Aida Fernanda. *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de Quatrocentos: contactos e sobrevivência*. Coimbra: Almedina, 1978.
- . *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. VI: Dicionário (Comum, Onomástico e Toponímico)*. Lisboa: INCM, 2003.
- Dias, Helena Marques e Ivo Castro. "A edição de 1516 do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende." *Revista da Faculdade de Letras [Lisboa]* 4.^a série 1 (1977): 93-125.
- Fernandes, R. M. Rosado. "Catábase ou descida aos infernos. Alguns exemplos literários." *Humanitas* 45 (1993): 347-59.
- Gaskell, Philip. *A New Introduction to Bibliography*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- Le Gentil, Pierre. *La Poésie lyrique espagnole et portugaise à la fin du Moyen Age*. 2 vols. Rennes: Plihon, 1946-52.
- Loja, Maria Daniela Fernandes. *Uma poesia de Duarte de Brito*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1952.
- Machado, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- Mendes, Margarida Vieira. "A citação no primeiro Inferno de amores português: *O cuidar e sospirar*." *Românica* 5 (1996): 119-28.
- Nieto Jiménez, Lidio y Manuel Alvar Ezquerro. *Nuevo tesoro lexicográfico del español (s.XIV-1726)*. 11 vols. Madrid: Arco Libros, 2007.
- Osório, Jorge A. "Do cancionero 'ordenado e emendado' por Garcia de Resende." *Revista da Faculdade de Letras [Porto]* 2.^a série 22 (2005): 291-335.
- Pérez Barcala, Gerardo. "Duarte de Brito y Juan de Flores." *Revista de Literatura Medieval* 13:2 (2001): 115-34.
- Resende, Garcia de. *Cancioneiro Geral: cum preuilegio*. [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Resende fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do principe]. Almezym e acabouse na muyto noble e sempre leall cidade de Lixboa: per Hermã de Cãmpos, 28 Sete[m]bro 1516.

- . Dias, Aida Fernanda, ed. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende: Os Textos*. 4 vols. Lisboa: INCM, 1990-93.
- . Guimarães, Gonçalves, ed. *Cancioneiro Geral*. 5 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1910-17.
- . Kausler, E. H. von, ed. *Cancioneiro Geral: Altportugiesische Liedersammlung des Edeln Garcia de Resende*. 3 vols. Stuttgart: Literarischen Vereins, 1846-52.
- . Pimpão, A. J. da Costa, & Aida Fernanda Dias, eds. *Cancioneiro Geral*. 2 vols. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.
- . Rocha, Andréa Crabbé, ed. *Cancioneiro Geral*. 5 vols. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973.
- Rocha, Andréa Crabbé. *Aspectos do Cancioneiro Geral*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.
- . *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*. Lisboa: ICALP, 1979.
- Tocco, Valeria. "Gli inferni d'amore portoghesi e la tradizione allegorica europea." *Rendiconti dell'Istituto Lombardo (Lettere)* 127 (1994): 297-359.
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de. "Contribuições para o futuro dicionário etimológico das línguas hispanicas." *Revista Lusitana* 11:1-2 (1908): 1-62.

Anexo

Apresentamos a seguir a transcrição integral do texto segundo o Res.110 da Biblioteca Nacional de Portugal (2.^a coluna), acompanhada da transcrição das variantes oferecidas pelo Res.112 (4.^a coluna), ambos lidos por reprodução em microfilme. Na 1.^a coluna, são indicados fólho, coluna e linha de referência no primeiro daqueles exemplares (a que se acrescenta, nos casos de diferente empaginação, a informação referente ao segundo); na 3.^a coluna, os versos da composição são numerados de cinco em cinco. Para maior legibilidade, generalizámos o uso da numeração árabe, aplicando-a também na referência aos fólhos.

Fol/col/lin	Res.110 [estado B]	v	Res.112 [estado A]
37c09	DE duarte de brito ã		
37c10	que conta o que a e/		que conta o que ae/
37c11	le τ a outro lhacon		le τ a outrolhacon/
37c12	teçecom huñ rrou		teçeo com huñ rrou
37c13	lynol τ muytas cofas que		lynoll τ muytas cofas que
37c14	vyo.		
37c15	¶ Dous triftes afortunados		
37c16	de bayxo das verdes rramas		
37c17	estando muyto penados		
37c18	de prazer defesperados		
37c19	falando em noffas damas	5	
37c20	onuym' cantar hũa aue		ouuym' cantar hũa aue
37c21	quẽ feu canto parecia		qu ã feu canto parecia
37c22	rroulynol		
37c23	manfo doçe muy suaue		
37c24	per muy alta melodia	10	
37c25	per bemol.		per bemol
37c26	¶ Nos ouuindo fa duçura		
37c27	per huñ coutra ponto manfo		per huñ contra ponto manfo
37c28	dezya de noffa veutura		dezya de noffa ventura
37c29	que noffa lobeja triftura	15	
37c30	era ja fem ter defcanfo		
37c31	lembrounos males pallados		
37c32	com dores penas presentes		com dores penas presentes
37c33	defmedidas		
37c34	que n' fez defesperados	20	

37c35	fer das mortes mays cōtentes		
37c36	que das vydas		que das vidas
37c37	¶ Excramaçam.		Excramaçam
37c38	¶ O vos mufas cabitays		
37c39	nas alturas de pernafo		
37c40	coos mudoslinguas daes	25	coos mudos linguasdaes
37c41	τ hos jnorantesmoſtraes		τ hos jnorantes moſtraes
37c42	a gram fonte de pegafo.		a gram fonte de pegafo
37d01	neſta obra começada		
37d02	voffa ajuda v'demando		
37d03	com fauores	30	com fauores.
37d04	pera que poſſa acabada		
37d05	yr os males rrecontando		
37d06	dos amores.		
37d07	Uoſſas graças eſpiray		
37d08	τ meu ſaber τ fentydo	35	
37d09	a memoria alummyay		amemoria alummyay
37d10	o engenho eſpertay		
37d11	de meu fyfo adormeçydo		
37d12	aty caliope jnvoco		
37d13	que minha lingoa muy ruda	40	que mynha lingoa muy rruda
37d14	viua faças		
37d15	neſta materea que toco		
37d16	nam me negues tua ajuda		
37d17	com tas graças		com tas graças.
37d18	¶ Começa a obra.		Começa a obra.
37d19	¶ Com muy grãde ſentimêto	45	
37d20	da cordanças muy ſentidas		
37d21	em vençydo penſamento		
37d22	n' ſentym' com gram tento		
37d23	que falaua em noſſas vidas		
37d24	com vozes muy acordadas	50	
37d25	começou com taes primores		
37d26	eſtar cantando		
37d27	como fazem as leuadas		
37d28	deſpadas os jogadores		
37d29	começando.	55	

37d30	¶ Eram tantos tam dorydos		
37d31	os seus prantos τ cantres		os seus prantos τ cantares
37d32	tam dorofos tam sentidos		
37d33	caly foram conuertidos		caly foram comuertidos
37d34	meus prazeres em pefares	60	
37d35	douuyr as lementações		douuyr as lementações
37d36	que sobre nos pranteaua		
37d37	com tristeszas		
37d38	chorando noffas payxões		
37d39	que sem conto lementaua	65	
37d40	de cruezas		de cruezas.
37d41	¶ E despoys de entendidas		
37d42	as mefajeês de seus cantos		
37d43	suas vozes conuertidas		suas vozes conuertidas
37d44	foram como noffas vydas	70	foram como noffas vydidias
37d45	tornadas em altos prantos		
37e01	com gemidos noffas dores		
37e02	mal diziam' chorando		
37e03	noffa forte		
37e04	de nos mefmos matadores	75	
37e05	n' viamos desejando		
37e06	noffa morte		noffa morte.
37e07	¶ Roufynol.		Roufynol.
37e08	¶ Ho vos outros namorad'		
37e09	de tormentos combatidos		
37e10	amadores defamados	80	
37e11	de seu bem defesperados		
37e12	por amores tam perdidos		
37e13	leyxay voffo bem querer		
37e14	por nam sentirdes o trago		por nam sentirdes otraguo
37e15	de taes dores	85	
37e16	poys ca morte em prazer		
37e17	dam de feruiços em pago		
37e18	os amores.		
37e19	¶ E poys vedes que v' vem		
37e20	tant o mal por bem amar	90	tanto mal por bem amar
37e21	por amor sempre dequem		por amor sempre de quem

37e22	ha por mal fazeru' bem		
37e23	τ por bem de v' matar		
37e24	nã cureys de msys chorardes		nã curees de mays chorardes
	ca rrezam fyfo defende	95	
37e26	fazer tal		fazer tall
37e27	por q□□□ quanto mays		
	cuyardes		
37e28	nyffo tanto mays façende		
37e29	voffo mal		
37e30	¶ Repoftados namorados.		¶ Repofta dos namorados
37e31	¶ Ho poys fempres penas tâtas	100	Ho poys fempres penas tâ tas
37e32	damores viues fofrendo		damores viues fofrendo
37e33	quechorando fempres cantas		que chorando fempres cantas
37e34	leyxan' chorar em quantas		
37e35	dores veuemos morrendo		dores. veuemos morrendo
37e36	leyxan' ambos chorar	105	
37e37	poys mays bem nam tem' ja		
37e38	que amorte		que a morte
37e39	ca mal pode confortar		
37e40	quem conforto assy nam daa		
37e41	que o confortar	110	que o conforte
37e42	¶ Roufynol.		Roufinol:
37f01	¶ Que fem conto vos sofras		
37f02	tantas dores nam choreys		tantas dores nam chorees
37f03	poys com yffo nam cobraes		
37f04	nem menos rremedeaes		nem menos rremedeaes
37f05	os males em que viueys	115	os males em que viuees
37f06	nam choreys que tam creçyda		nam chorees que tam creçyda
37f07	he a coyta que fordena		
37f08	de vos tal		de vos tall
37f09	que morrendo voffa vyda		
37f10	nam pode matar a pena	120	
37f11	do voffo mal.		
37f12	¶ Os namorados.		Os namorados:
37f13	¶ Amor he coufa tam alta		
37f14	preçiofa coufa tanto		

37f15	que de deos eterno falta		
37f16	τ no fylho se esmalta	125	
17f17	tam bem no esprito santo		
37f18	amor antre os terreaes		amor antre os terreães
37f19	he a coufa desta vyda		
37f20	mays exelente		mays eyçelente
37f21	amor antre os anymaaes	130	
37f22	por syngular coufa ayuda		por lingular coufa ayuda
37f23	he da gente		he da gente.
37f24	¶ Roufynol.		Roufynol.
37f25	¶ Por verdes quã enganad'		
37f26	andaes com voffos amores		
37f27	sempre vy de namorados	135	
37f28	vir mil calos defaltrados		
37f29	muytas mortes muitas dores		
37f30	vy fazendas defstroydas		
37f31	com cruezas dar gemidos		
37f32	dellas guerras	140	
37f33	vy mortes de muytas vidas		
37f34	muytos rreynos fer perdidos		
37f35	muytas terras		muyras terra.s
37f36	¶ Os namorados.		Os namorados.
37f37	¶ Por fer noffo cafo tal		
37f38	nos ouuem' por vitoria	145	
37f39	de sofrerm' tanto mal		por sofrerm' tanto mal
37f40	por amarm' defygual		
37f41	noffa morte por mays gloria		
37f42	sem fazer nunca mudança		
37f43	desta fe cuja fyrmeza	150	desta fe cuja firmeza
37f44	fera viua.		fera viua
38a01	fendo morta a esperança		
38a02	que faz fer noffa tristeza		
38a03	mays esquyua.		mays esquiua.
38a04	¶ Roufynol.		Roufynoll.
38a05	¶ Por v□des os defemganos	155	
38a06	ca mor sempre de ffy folta		

38a07	com feus males grandes dan'		
38a08	feu bem traz com myl engan'		feu bem traz com mil engan'
38a09	em prazer amoor tem volta		em prazer amoortem volta
38a10	amor traz sempre confyguo	160	amor traz sempre confyguo
38a11	mortal dor com fofpirar		
38a12	lua payxam		
38a13	do prazer mortal jmmyguo		
38a14	os defejos fam pefar		
38a15	do coraçam.	165	docoraçam.
38a16	¶ Os namorados.		Os namorados.
38a17	¶ Affy como deffaleçem		
38a18	o ouuyras acordadas		o ouuyr as acordadas
38a19	mufycas que bem parecem		
38a20	qua cordadas em tryfteçem		qua çordadas em trefteçem
38a21	as vontades namoradas	170	
38a22	affy nos conta duçura		
38a23	nam acabas aynda bem		
38a24	n' confortar		
38a25	quando noffa gram triftura		quando noffa gram trifrura
38a26	fobre nos mays poder tem	175	
38a27	de n' matar		de n' matar.
38a28	¶ Roufynol.		Roufynol.
38a29	¶ O prazer loguo fa parta		¶ O prazer logo fa parta
38a30	de quem ama verdadeiro		de quem ama verdadeyro
38a31	de cuydar nunca fe farta		
38a32	nam fey como v' rreparta	180	
38a33	efte mal tam lafimeyro.		
38a34	Nam cureys cõ mays perfya		Nam curees cõ mays perfya
38a35	fazer choros nem taes prant'		
38a36	fem rrezam		
38a37	feguy minha companhia	185	
38a38	por verdes damores quantos		
38a39	perdidos fam.		perdidos fam
38a40	¶ Segue.		Segue.
38b01	¶ Com lagrimas de trifturas		
38b02	começam' loguo andar		

38b03	per vales montes alturas	190	
38b04	grandes bofcos elpefuras		
38b05	nam çefando caminhar		nam çefando caminhar.
38b06	Per lugares apartados		
38b07	defuiados dos viuentes		de fuiados dos viuentes
38b08	fem medida	195	
38b09	defertos defabytados		
38b10	donde nunca foram gentes		
38b11	nefta vyda.		
38b12	¶ Per caminhos espãtofos		
38b13	paflam' tantos defertos	200	paflam' tantos defertos
38b14	que n' vimos temerosos		
38b15	ferdas vidas douidofofos		
38b16	τ de noflas mortes çertos.		
38b17	Onde triftes alonguados		
38b18	per longa eftancia de terras	205	per longa eftancia de terras
38b19	muy eflranhas		
38b20	n' vimos de nos rroubados		
38b21	canfados nas altas ferras		
38b22	τ montahas.		
38b23	¶ Affy triftes caminhando	210	
38b24	pola gram eftrelidade		
38b25	de morrem' defejando		
38b26	n' foy odia negando		
38b27	fua luz τ craridade		fualuz τ crarydade
28b28	com fa cara jouenyl	215	
38b29	primeyra vym' febea		primeira vym' febea
38b30	eflar cercada		eflar çercada
38b31	com feu rrofto muy fotyl		com feu rr ofto muy fotyl
38b32	da crara chama polea		
38b33	metygada.	220	
38b34	¶ Compacaçam.		Comparaçam
38b35	¶ Como fazem por fãberem		¶ Como fazem porfãberem
38b36	as frotas por onde vam		
38b37	que de noyte por fe verem		
38b38	leguem por nam fe perderem		leguem por nam feperderem
38b39	o forol do capitam.	225	o forol do capitam:
38b40	Affy nos por nofla fyua		

38b41	feguyamos fem fentido		
38b42	em maneyra		
38b43	como quem a fogo a tyna		
38b44	que de noyte he perdido	230	
38b45	fem carreya.		
38c01	¶ Mas despoys ca tenebrofa		¶ Mas despois ca tenebrofa
38c02	noyte efcura efcondeo		
38c03	a luz crara rrediofa		
38c04	com curifcos efpantofa	235	
38c05	em treuas fe conuerteo		
38c06	com furia de grandes ventos		
38c07	as cometas com feus rrayos		
38c08	defyguaes		
38c09	fazyam taes mouimentos	240	
38c10	que eram noffos defmayos		
38c11	muy mortaes.		
38c12	¶ Onde triftes muy perdidos		
38c13	muyto mays que dizer oufo		
38c14	fycam' de nos vençydos	245	
38c15	fem nunca noffos fentidos		fem nunca noffos fentydos
38c16	poderem tomar rrepoufo		
38c17	com noffas vydas chorando		
38c18	com dores coytas muy graues		com dores coitas muy graues
38c19	laftimadas	250	
38c20	eftivem' atee quando		
38c21	cantauam as doçes aues		
38c22	as aluoradas.		as aluaradas.
38c23	¶ Dyana ja rrepoufada		
38c24	por feo curfo natural	255	
38c25	de noffa vysta priuada		de noffa vifta pryuada
38c26	os anty peles paffaua		
38c27	com furia temporal		
38c28	os ares ja rrefolutos		
38c29	dos vapores congelados	260	
38c30	neuoentos		
38c31	fycaram fyxos enxutos		
38c32	muy lotys craros delgados		
38c33	efpelhentos.		

38c34	¶ Sete planetas		Sete planetas
38c35	¶ Aly vymos desterrado	265	¶ Ally vimos desterrado
38c36	hyr saturno velho proue		
38c37	τ jupiter rrico honrrado		
38c38	mares em guerras armado		maresemguerras armado
38c39	febus como rrey se moue		febus como rrey se moue.
38c40	Uymos venus muy fermosa	270	
38c41	τ mercuryo escreuendo		τ mercurio escreuendo
38c42	filosofando		
38c43	diana calta briosa		
38c44	com quas aguas vã creçendo		
38c45	τ minguando	275	τ minguando.
38d01	¶ As faldras do ouriente		
38d02	vinham ja esclareçendo		
38d03	τ venus rrefplandeçente		
38d04	de seu rrofto muy luzente		
38d05	a sua frol ja perdendo.	280	
38d06	A polo vinha correndo		
38d07	em seus caualos fetondos		
38d08	de chymera		
38d09	o gram zodiaco vendo		
38d10	per doze fynos rredondos	285	per dozefynos rredondos
38d11	da espera.		
38d12	¶ Doze fynos.		Doze fynos.
38d13	¶ Uimos friso com temor		
38d14	hir no verlo polo mar		
38d15	τ a filha da jenor		τ a filha dajenor
38d16	vy com polus τ caftor	290	
38d17	perfeo cancro matar		
38d18	leo em fogos açefos		
38d19	vy virgo defemparando		vy virgo defenparando
38d20	os terreaes		
38d21	τ vy liuras cõ seus pefos	295	
38d22	os meritos todos pefando		
38d23	dos mortaes.		
38d24	¶ Ui ofero escorpian		¶ Ui o fero escorpian
38d25	paçalas aguas sem barco		

38d26	com a filhadalçiam	300	com a filha dalçiam
38d27	τ o velho teriam		
38d28	fagitareo com seu arco		
38d29	Caprycornio no outeyro		Capicornio no outeyro
38d30	na felua de creta andar		
38d31	paçendo vy	305	
38d32	τ acarios fer copeyro		τ acarios fer copeiro
38d33	τ cupido vy tornar		
38d34	empeyxe ally.		em peyxe ally.
38d35	¶ Com coroa muy oufana		¶ Com coroa muy oufana
38d36	nos altos çeos colocada	310	
38d37	vy de baço adriana		
38d38	τ afrya tres montana		τ afrya tres montana
38d39	da polo muy fe parada.		da pollo muy fe parada.
38d40	Uy a fylha de lucano		Uy a filha de lucano
38d41	cenefura califtona	315	
38d42	τ ouriam		
38d43	com as netas do çeano		
38d44	com feus filhos vilatona		com feus filhos vilatona
38d45	em o lam.		
38e01	¶ Comparaçam.		Comparaçam.
38e02	¶ Como catiuo que prefo	320	Como catiuo que prefo
38e03	trabalha de fe foltar		
38e04	q□ com efforço muy tefo		
38e05	para fogyr muy açefo		
38e06	anda buscando lugar		anda buscando lugar.
38e07	Começamos cõ dor tal	325	
38e08	rromper as matas fonbrofas		
38e09	muy efcuras		
38e10	fomos ter a hũ rrofal		fomos ter a huũ rrofal
38e11	de muytas flores τ rrofas		
38e12	τ verduras.	330	
38e13	¶ Uyfam.		Uyfam.
38e14	¶ O lugar era cercado		
38e15	dar voredos τ rriberras		dar voredos τ riberras
38e16	de verdes rramas çerrado		
38e17	de myl frescuras trocado		de mil frescuras trocado

38e18	de froles de myl maneyras	335	de froles de myll maneiras
38e19	Onde vimos duas damas		
38e20	tal fermofas exçelentes		
38e21	com mifura		
38e22	cardiam em viuas chamas		
38e23	as caras rresprandeçentes	340	
38e24	de fermofura.		
38e25	¶ Fyrmeza:		Fyrmeza.
38e26	¶ A hũa delas vestia		¶ Ahũa delas vestia
38e27	hum bryal negro chapado		
38e28	de muy rrica argentaria		
38e29	douro com gram pedraria	345	
38e30	de rredor co artepifado.		de rredor coartepifado.
38e31	Defmeraldas τ rrobys		defmeraldas τ rrobys
38e32	çafyras τ diamantes		çafiras τ diamantes
38e33	τ hũ manto		
38e34	dhũs lauores muy fotys	350	
38e35	preçiofos τ galantes		
38e36	de grande fpanto.		
38e37	¶ Elperança.		Elperança.
38e38	¶ De verde toda vestyda		
38e39	de perlas toda borlada		
38e40	vya outra em nobreçyda	355	
38e41	dhũa rroupa muy comprida		dhũa roupa muy comprida
38f01	per myl partes deffiada		per mil partes deffiada
38f02	Hũ verde manto cobria		Huũ verde manto cobria
38f03	muyto rrico ende rredor		
38f04	τ perfundo	360	
38f05	hũa letra que dizia		
38f06	mal aya quien fyzo amor		mala aya quien fizo amor
38f07	nefte mundo.		nefte mnndo.
38f08	¶ Comparaçam		Comparaçam.
38f09	¶ Como quem adormeçydo		
38f10	lem sentyr pena nem groria	365	
38f11	ca cordando embebeçido		ca cordando embebeçido
38f12	a perda de feu sentido		

38f13	vay bulcar affa memoria		vay bulcar affa memoria.
38f14	Afly nos com grande medo		Afly nos com grandemedo
38f15	de vermos tanta vifam	370	
38f16	com gram temor		
38f17	cada huẽ eftaua quedo		cada huẽ eftaua quedo
38f18	pedindo a feu coraçam		
38f19	algũ fauor.		algũ fauor
38f20	¶ Com temor τ oufadia	375	com temor τ oufadia
38f21	vendo fuas gentilezas		vendo fuas gentylezas
38f22	com trilfeza τ allegria		
38f23	olhando apoleçya		
38f24	de fuas grandes belezas.		
38f25	Começam' com gram tento	380	
38f26	com vontade muy fegura		
38f27	de pagar		de pagar
38f28	todo aquele de vimento		todo aquele de vimento
38f29	que fe deue ha mefura		
38f30	em tal lugar.	385	em tal lugar.
38f31	¶ Fala as damas.		Fala as damas
38f32	¶ Todo o bem contraryado		¶ Todo o bem contrariado
38f33	que noſſo fado rrepuna		
38f34	dam' por bem empregado		
38f35	o tempo todo paſſado		
38f36	de tam afpera fortuna	390	de tam afpera fortuna.
38f37	τ pois que niſto ſentym'		
38f38	nã n' ſer de todo jmmigua		nam n' ſer de todo jmmigua
38f39	a ventura		
38f40	a voſſas merçespedym'		a voſſas merçes pedym'
38f41	voſſos nomes que n' digua	395	voſſos nomes que n' diguam
38f42	por mefura.		
39a01	¶ Segue.		
39a02	¶ Como muy palêçianas		¶ Como muy palêçeanas
39a03	gentys damas muy briosas		gentys damas muy bryosas
39a04	mays dyuinias que vmanas		mays de vinas que vmanas
39a05	tam cortefeſ como oufanias	400	
39a06	de mil graças graçioſas		de mil graças graçyofas
39a07	Com muy grande cortefya		

39a08	n' rreçeberam moſtrando		
39a09	gram prazer		
39a10	com muy grande alegria	405	com muy grande alegrya
39a11	n' começaram falando		
39a12	dedyzer		de dyzer.
39a13	¶ Firmeza.		
39a14	¶ De dyzer v' folguarey		
39a15	que a mym chamam firmeza		que amym chamam fyrmeza
39a16	que em vos ſempre morey	410	
39a17	nunca v' defemparey		
39a18	nem vos amym contriſteza		nem vos amym contryſteza.
39a19	Eſſa dama he eſperança		Eſta dama heeſperança
39a20	que aas vezes deſeſpera		
39a21	eſperando	415	
39a22	outras vezes faz mudança		
39a23	ho r reues do que ſeſpera		ho rreuees do que ſeſpera
39a24	nam cuydado.		nam cuydando.
39a25	¶ Tam aſſynha acabadas		¶ Tam aſynha acabadas
39a26	nam eram aynda bem	420	
39a27	as palauras rrecontadas		
39a28	ſem mayſ couſas pregütadas		
39a29	dante nos vimos ninguem.		dante nos vymos ninguem.
39a30	Aſſy com mudança tal		
39a31	como quem ſeu fyſo fora	425	
39a32	tem perdido		tem perdydo
39a33	fycam' com noſſo mal		fycam' com noſſo mall
39a34	como quem canta τ chora		
39a35	ſem ſentydo.		
39a36	¶ Propiadade da fortuna.		Propiyadade da fortuna
39a37	¶ Fortuna que nunca çeſſa	430	
39a38	com a rroda de ventura		com arroda de ventura
39a39	dar taes voltas tam deſpreſſa		
39a40	que o bem deſſa promeſſa		
39a41	ſempre pouco ou nada dura		ſempre pouco ou nada dura.
39a42	Nunca dura nũm querer	435	
39b01	arroda mil vezes volta		
39b02	com mil moſtranças		com mil moſtanças

39b03	leyxa de todo perder		
39b04	o melhor donde o folta		
39b05	com fas mudanças.	440	com fas madauças.
39b06	¶ Segue.		
39b07	¶ Poys tal vida pufuyr		¶ Poys tal vyda pufuyr
39b08	quer fortuna com tristura		
39b09	fazern' sempre sentir		fazern' sempre sentyr
39b10	fem poderm' rregestir		fem poderm' rregeſtyr
39b11	noffa gram defauntura	445	noffa gram defauntura.
39b12	Começem' de tomar		
39b13	de tam miserauel vyda		
39b14	poſſyſſam		poſſyſſam
39b15	nem queyram' mays tardar		
39b16	fyguamos noſſa doryda	450	
39b17	abytaçam.		
39b18	¶ Alſy nos triftes feguyndo		¶ Alſy nos tryftes feguyndo
39b19	noſſos craros perdimentos		
39b20	muytas mays dores ſentyndo		
39b21	noſſas triftezas feryndo	455	
39b22	noſſas vidas de tormentos		noſſas vidas de tormentos.
39b23	Caminhando a tryſte via		
39b24	vym' tantos taes ſynays		
39b25	de tal forte		
39b26	que bem craro pareçia	460	que bem craro pareçya
39b27	que agoyros tam mortays		
39b28	eram de morte.		eram de morte
39b29	¶ Deçer das altas mōtanhas		
39b30	vy hũa aguea rrompente		vy hũa aguya rro mpente
39b31	com las vnhas muy eſtrãhas	465	com fas vnhas muy eſtrãhas
39b32	rromper ſuas entradanhas		
39b33	de matarſe nam contente		de matarſe nam contente.
39b34	Em ſly amoſtrou primeyro		Em ſy amoſtrou primeyro
39b35	a cruel pena muy braua		
39b36	τ fem tardar	470	
39b37	me fez orfaão do parçeyro		
39b38	com que trifte conſolaua		
39b39	meu peſar.		

39b40	¶ Minhas dores açendidas		
39b41	vy entam de taes tritezias	475	
39b42	queram todas conuertidas		queram todas com vertydas
39b43	fem piadades mouidas		fem piadades movidas
39b44	em mil fanhas de cruexas		em myl fanhas de cruexas.
39c01	Em dor coyta tanta vym		
39c02	aly loo donde fycara	480	
39c03	tam rrayuofa		tam r rayuofa
39c04	que amorte contra mym		
39c05	em matarme la mostrara		em matarmefa moltrou
39c06	piadofa.		
39c07	Comparaçam.		Comparaçam
39c08	¶ Coma quem chora gemêdo	485	¶ Coma quẽ chora gemêdo
39c09	fua coyta defygoal		fua coyta defygual
39c10	cõ quẽ fẽpre vam creçendo		com quẽ fẽpre vam creçêdo
39c11	fẽus tormentos açendendo		
39c12	as anguftias de feu mal		as anguftias de feu mal.
39c13	Afly eu com tal vyuer	490	Afly eu contal vyuer
39c14	com minha vida me via		com minha vyda me via
39c15	que defejaua		
39c16	de morrer por nam morrer		
39c17	tantas mortes cada dia		
39c18	como pallaua.	495	
39c19	¶ Com perdida efperança		
39c20	gorneçida de pefares		gorneçyda de pefares
	começey fem mays tardança		
39c22	posfuyr a efquyuança		posfuyr a efquyuança
39c23	dos muy defertos lugares	500	dos muy defertos lugares.
39c24	Onde tanto quis mostrarfẽ		Onnde tanto quis mostrarfe
39c25	contra mym tam poderofa		
39c26	meu mal		
39c27	que nenhuũ nam cobyçaffe		
39c28	por mays que foffe enuejofo	505	
39c29	vyda tall.		
39c30	¶ Com lagrimas de trifuras		
39c31	caminhando pola ferra		
39c32	hũas vezes nas alturas		hũas vezes nas alturas.
	outras vezes nas funduras	510	

39c34	dos mays bayxyos da terra Nas montanhas τ bofcagẽ como as feras eſtranhas		dos mays bayxyos da terra.
39c37	alymaryas		alymarias
39c38	fazya vyda faluajem	515	fazya vyda faluagem
39c39	nas muy eſpeſſas montanhas		
39c40	solytaryas.		solytarias.
39c41	Comparaçam.		¶ Comparaçam.
39d01	¶ Andando tantas jornadas		
39d02	taes confortos rreçebendo		
39d03	como foem as deſejadas	520	como foem asdeſejadas
39d04	faudades apartadas		
39d05	em gram tempo nam fe vendo		em gram tempo nam fe vẽdo
39d06	Aſſy eu com vida tal		
39d07	deſperança τ dalegria		
39d08	ja rroubado	525	
39d09	me vi tanto com meu mal		me vy tanto com meu mal
39d10	que ha morte me fentya		
39d11	muy cheguado.		muy chegado
39d12	¶ Polas ferras tenebroſas		
39d13	ſem ter ja de mym fentydo	530	ſem ter jade mym ſentido
39d14	nomeando com chorofas		
39d15	vozes triftes piadofas		
39d16	a quem tinha aliperdydo		a quem tinha aly perdydo
39d17	Seu calar meera rrepoſta		
39d18	mas o e co polos vales	535	
39d19	me ſeguya		
39d20	de meus cramores rrepoſta		
39d21	por dar mais mal a me' males		por dar mais mal ame' males
39d22	rreſpondia.		rreſpondia·
39d23	¶ Uendo maſſy padecer	540	
39d24	vida de eſtremo tal		
39d25	meu alongado viuer		
39d26	me era mays rrecreçer		
39d27	moores tormento s de mal		moores tormentos de mal
39d28	Por onde quer que paſſaua	545	
39d29	nas montanhas τ bofcageẽs		
39d30	quantas me viam		quantas me vyam

39d31	ferpentes quantas achaua		
39d32	feras bestas τ faluageês		feeras bestas τ faluageês
39d33	me seguiam.	550	me seguiam
39d34	¶ Uya muytos animaes		¶ Uya muytos anymaes
39d35	lagytarios escorpioões		
39d36	tygres feros defyguaes		
39d37	gigantes dragos mortaes		
39d38	onças feras τ lyoões.	555	onças feras τ lyoões.
39d39	Os olhos todos luzentes		
39d40	em fogo todo abrafados		
39d41	açendidos		
39d42	combateimento de dentes		
39d43	dando muyto defuayrados	560	dando muytodefuyrados
39d44	bramidos.		
39d01	¶ Comparaçam.		
39e02	¶ Como quem de catiueyro		¶ Como quem de catiueiro
39d03	quando foge alguũ catiuo		
39e04	que de mal tam lastimeyro		que de mal tam lasty meyro
39e05	por rremedio derradeyro	565	por rremedio derradeiro
39e06	nam tem em conta fer viuo		
39e07	Com efforço muy oufado		
39e08	poẽ a vida a mil perigos		poẽ na vida a mil perigos
39e09	de venturas		deuenturas
39e10	τ cuydando fer tomado	570	
39e11	vay bulcar algũs abriguos		vay bulcar algũ abriguo
39e12	nas espelluras.		nas espeluras.
39e13	¶ Allý eu com taes temores		
39e14	que mynhas forças vençia		que minhas forçasvençya
39e15	ja buscava valedores	575	
39e16	que valefsem a minhas dores		que valefem a minhas dores
39e17	τ me deffem oufadia		τ me defem oufadia
39e18	N' matos por me saluar		
39e19	de ver coufas espantofas		
39e20	fuy com rreçeo	580	
39e21	τ aly me fuy achar		
39e22	cõ as arpias muy rrayuofas		com as arpias muj rr aiuofas
39e23	de fynco.		de fynco.

39e24	¶ A morte por nam sentir		¶ A morte pornam fentyr
39e25	mays que vyda defejaua	585	mays que vida defejaua
39e26	quando vy que me cobrir		
39e27	nam preftaua nem fugir		nam preftaua nem fogyr
39e28	com meu mal os confortaua		com meu mal os confortaua.
39e29	Com fofpiros lagrimofos		
39e30	meus triftes olhos chorauam	590	
39e31	ta m de verdade		tam de verdade
39e32	que de brauos piadofos		
39e33	de me verem fe tornauam		
39e34	com piadade.		com piadade
39e35	¶ Meu vyuer men' prezando	595	¶ Meu vyuer men' prezãdo
39e36	que o periguo da morte		
39e37	começey andar chorando		
39e38	os defertos penetrando		
39e39	maldizendo minha forte		mal dizendo minha forte.
39e40	Ferydo de taes tormentos	600	
39e41	que feraa men' victoria		que fera men' vytorea
39e42	de os pallar		
39f01/39e43	que tornar taes sentimentos		
39f02/39f01	rredozylos aa memoria		rredozylos amemoria
39f03/39f02	pera os contar.	605	pera os contar
39f04/39f03	Comparaçam.		¶ Comparaçam.
39f05/39f04	¶ Como quem fe ve lyurado		
39f06/39f05	dalgũ perigro mortal		dalgũ periguo mortall
39f07/39f06	ou como quem condenado		
39f08/39f07	a morte fendo lyurado		a mortefendo lyurado
39f09/39f08	per milagre ou cafo tall	610	per milagre ou cafo tal.
39f10/39f09	Afly euquando me vi		Afly eu quando me vy
39f11/39f10	fora daquefte periguo		
39f12/39f11	de morte		
39f13/39f12	a mym mefmo nam no cry		
39f14/39f13	em cuydar huũ mal cõmiguo	615	
39f15/39f14	de tal forte		de tal forte.
39f16/39f15	¶ Uista do inferno.		¶ Uista do jnferno.
39f17/39f16	¶ Sem ver dia nunca craro		
39f18/39f17	cos fombrofos aruoredos		

39f19/39f18	com muy grande defemparo		
39f20/39f19	polos montes de trauaro	620	
39f21/39f20	pelas rrocas τ rroquedos		pelas rrocas τ rroquedos.
39f22/39f21	Andaua trifte feguindo		
39f23/39f22	a muy gram defaumenta		a muy gramdefaumenta
39f24/39f23	de meu viuer		
39f25/39f24	o prazer de mym fogindo	625	
39f26/39f25	vendo mays minha tristura		vendo mays minha trystura
39f27/39f26	em mym creçer.		
39f28/39f27	¶ Per luguares tenebrofos		
39f29/39f28	a os vmanos ynotos		a osvmanos ynotos
39f30/39f29	cõ meus males muy dorofos	630	
39f31/39f30	ouuy gritos espantofos		ou vygritos espantofos
39f32/39f31	com muy grandes terremot'		com muy grandes terremot'.
39f33/39f32	De todo cuydey em tam		
39f34/39f33	minha vida muy cruel		minha vyda muy cruel
39f35/39f34	que acabaua	635	
39f36/39f35	olhando vy a plutam		olhando vy aplutam
39f37/39f36	as chamas que mongybell		
39f38/39f37	rrespyraua.		
40a01	¶ Uy eftar o cam çerueyro		
40a02	com fuas bocas tragantes	640	
40a03	de burfyres ser parçeyro		de bufyres ser parçeyro
40a04	vyfiffo com gram marteyro		
40a05	trazer pedras muy pefantes		trazer pederas muy pefantes.
40a06	E na yltrigya vycrina		τ na yltrigya vy crina
40a07	com as furias jnfernaes	645	
40a08	jndinadas		
40a09	vy plutam com porferpina		vy plutam com porferpina
40a10	com muytas gentes mortaes		
40a11	ja passadas.		ja passadas.
40a12	¶ Aly vy a pregoeyra	650	
40a13	tefyphone muy fanhosa		tefy fone muy fanhosa
40a14	aleto cruel guerreyra		
40a15	τ com elas aterçeyra		τ com elas aterçeyra
40a16	vi em guerra mays rrayuofa		vyem guerra mays rrayuofa
40a17	Tres juyzes eftar julgando	655	
40a18	seyras danão com jueyras		seyras da não com jueyras
40a19	cheas dagoa		

40a20	τ dedalo yr voando		τ dedalo ir voando
40a21	τ vulcano nas fugueyras		
40a22	da gram fragua.	660	
40a23	¶¶ Alli vi eltar a pryteo		¶¶ Ally viftar apryte o
40a24	ofogo do çeo furtar		o fogo doçeo furtar
40a25	vy atrifte com atreo		vy a trifte com atreo
40a26	τ a madre de penteo		
40a27	feus nembros espedacar	665	feus nembros espedaçar.
40a28	Uy na rroda exyam		Uy na rroda τ xyam
40a29	hyr τ vir sempre voluendo		hyr τ vyr sempre voluendo
40a30	com pefares		
40a31	vy o forte jeriam		vy oforte jeriam
40a32	com tres cabeças mandando	670	contres cabeças mandando
40a33	as baleares.		
40a34	¶¶ Uy tantalo effaymado		¶¶ Uy tam talo effaymado
40a35	com gram fed estando nagoa		com gram fede estandonagoa
40a36	τ çyos muyto penado		
40a37	da butres espedaçado	675	
40a38	em seu peyto cõ gram magoa		
40a39	vy outro muyto gentyo		vy outro muyto gentio
40a40	cujos nomes de fas famas		cujos nomes defas famas
40a41	tem nas vidas		
40b01	de muy grande senhorio	680	
40b02	ardendo em viuas chamas		ardendo em vyuas chamas
40b03	açendidas.		açendydas.
40b04	¶¶ Uy a fonte de cotytos		¶¶ Uy afonte de cotytos
40b05	a passagem de seus portos		a passagem de seus portos
40b06	muytos corpos sem espritos	685	
40b07	onde a garça com mil gritos		
40b08	traza mellajem dos mortos		trazame fagem dos mortos
40b09	Uy as agoas do leteo		Uy as agoas do leteeo
40b10	em na barca da charonte		
40b11	yr rremando	690	hyr rremando
40b12	o parçeyro de tefeo		o parceyro de tyfeo
40b13	τ tifeo de fo huũ monte		
40b14	fogueando.		
40b15	¶¶ Allfy estando espantado		
40b16	temerofo com gram medo	695	

40b17	fem meu fyfo ter cobrado		
40b18	nem o temor apagado		nemo temor apagado
40b19	do que via eſtaua quedo		do que vya eſtaua que do.
40b20	Sem tardança me vy loguo		
40b21	çercado de muytas gentes	700	
40b22	muy choroofas		
40b23	cardiam em viuo fogo		cardiam em vyuo fogo
40b24	de chamas viuss ardentes		de chamas viuas ardentes
40b25	eſpantofas.		
40b26	¶ De ſas hocas com furor	705	¶ Defas bocas com furor
40b27	tam gram chama ſe alçaua		
40b28	que do grande rreſprandor		
40b29	do gram fogo τ meu temor		
40b30	velos bem nam me leyxaua		
40b31	Tantas penas padeçer	710	
40b32	vy com dores defuayradas		vy condores defuayradas
40b33	de tormentos		
40b34	que me fyzeram eſqueçer		que mefyzeram eſqueçer
40b35	as couſas todas paſſadas		as couſas todas paſadas
40b36	de ſentimentos.	715	deſentimentos.
40b37	¶ Uifam infernal.		¶ Uyſam infernal:
40b38	¶ Darredor em companhia		¶ Da rredor em companhia
40b39	via couſas muy ynormes		via couſas muy jnormes
40b40/40c01	que deſpanto nam podia		
40b41/40c02	poderme dar ouſadia		poderme dar ouſadya
40c01/40c03	olhar rroſtos tam diſformes	720	
40c02/40c04	Com ſeus baſylifeos vultos		Com ſeus baſalyſcos vultos
40c03/40c05	doryues diſformidades		doryues dys formidades
40c04/40c06	me pareçya		
40c05/40c07	os que meeram mays ocultos		
40c06/40c08	mays preſentes fealdades	725	
40c07/40c09	das que vya.		das que via.
40c08/40c10	¶ Alſy vendo com gram dor		
40c09/40c11	minha morte conheçida		minha morte conheçyda
40c10/40c12	de meu rroſto minha cor		
40c11/40c13	ja rroubada com temor	730	
40c12/40c14	mays da morte que da vida		mays da morte que da vyda
40c13/40c15	Fuy leuado per lugares		fuy leuado per lugares

40c14/40c16	onde vi em viuas chamas		onde vy em viuas chamas
40c15/40c17	estar ardendo		estar ardêdo
40c16/40c18	muytas gentes com peñares	735	
40c17/40c19	de namorados com damas		
40c18/40c20	padeçendo.		
40c19/40c21	Inferno dos namorad'		
40c20/40c22	¶ Com erndyee vy orfeo		¶ Com crudyee vy orfeo
40c21/40c23	tangendo fa doçe lyra		
40c22/40c24	vy driana com thefeo	740	vydriana contefeo
40c23/40c25	com tanaçe macareo		
40c24/40c26	τ ercoles cõ daymira.		ercoles com daymyra.
40c25/40c27	Aly paris com elenna		Aly pares com elena
40c26/40c28	vy grifmonda com grifcal		vy gryfmonda com grifcal
40c27/40c29	com muytas dores	745	
40c28/40c30	que choraua com gram pena		que chorauã com gram pena
40c29/40c31	a gram coyta defygoal		
40c30/40c32	de feus amores.		
40c31/40c33	¶ Aly e co com narçyfo		
40c32/40c34	vy epapife com minus	750	vy epapife com minus
40c33/40c35	nas fonduras do abyfo		nas funduras do abyfo
40c34/40c36	τ a filha del rrey nyfo		
40c35/40c37	com foſpyros muy continus		com foſpiros muy continus.
40c36/40c38	Uy outros men' prezando		
40c37/40c39	as grorias de feus viueres	755	as grorias defeus vyueres
40c38/40c40	τ maneyras		
40c39/40c41	em fas ofenfas mostrando		em fas ofenfas mostrando
40c40/40c42	nas coytas grandes prazeres		
40c41/40c43	da legrias.		dalegrias
40c42/40d01	¶ Aly porys com tefena	760	
40d01/40d02	τ clife por febo dane		
40d02/40d03	archiles com poliçena		archyles com poliçena
40d03/40d04	τ tereo com philomena		τ t erço com fylomena
40d04/40d05	τ com piramus tilbe		τ com piramus tilbe.
40d05/40d06	Uy medea com crimezas	765	
40d06/40d07	de jafam por que querer		de ja ſam por que querer
40d07/40d08	mays lhe quifeſſe		mays lhe quyfeſſe
40d08/40d09	fazendo moores cruezas		
40d09/40d10	do que nenhuã ofender		

40d10/40d11	lhe pudeffe.	770	lhepudefe
40d11/40d12	¶ Uy lucreçia por tarquyno		¶ Uy lucreçya por tarquyno
40d12/40d13	fer de fi muy penitente		fer de fy muy penitente
40d13/40d14	τ vi çila por rrey nyno		τ v y çila por rrey nyno
40d14/40d15	τ as filhas de cadino		τ as fylhas de cadyno
40d15/40d16	em oflegento ardente	775	em o flegento ardente.
40d16/40d17	Ipolito fedra se meta		
40d17/40d18	ardam lyer com lyefa		ardam lyer com liefa
40d18/40d19	namorados		
40d19/40d20	pamphilo cõ fyometa		pam fylo com fyometa
40d20/40d21	grimalte com gradiefa	780	
40d21/40d22	defesperados.		
40d22/40d23	¶ Quẽ me daa vida penada		¶ Quem medaa vida penada
40d23/40d24	fem n' feus amores vy		
40d24/40d25	de penas tam lastimada		
40d25/40d26	tam triste tam demudada	785	
40d26/40d27	que cafy a nam conheçy.		
40d27/40d28	Muy triste muyto choroofa		
40d28/40d29	fofpyrando defygoal		fofpirando defygoal
40d29/40d30	muy fentyda		
40d30/40d31	porque nunca piadofa	790	por que nunca piadofa
40d31/40d32	foy de mym nẽ de meu mal		foy de mym nem de meu mal
40d32/40d33	nefta vyda.		
40d33/40d34	¶ Os olhos por nam olhar		¶ Osolhos pornam olhar
40d34/40d35	de piadade mouidos		
40d35/40d36	efcondia com pefar	795	
40d36/40d37	mas os feus prantos tornar		
40d37/40d38	me fazia de feus gemidos		me fazia de feus gemydos.
40d38/40d39	Com dorofos mouimentos		Com doroofofos mouimẽtos
40d39/40d40	tornaua meus olhos vendo		
40d40/40d41	feus cramores	800	
40d41/40d42	τ feus grandes fentimentos		τ feus grandes fentymentos
40d42/40d43	me faziã hir gemendo		me fazyam hir gemendo
40d43/40d44	minhas dores.		
40e01	¶ Muytas vezes meu poder		
40e02	trabalhando fem memoria	805	
40e03	prouaua de focorrer		
40e04	se lhe poderia valer		

40e05	mas ficaua ſſem victoria		mas fycaua ſem vjtorya
40e06	Que da vida ja fauor		Que da vyda ja fauor
40e07	nã tinha nẽ eſperaua	810	nam tynha nem eſperaua
40e08	nem ſentya		nam ſentya
40e09	a mym como defenſſor		
40e10	contra mym me eſforçaua		contra mym meſforçaua
40e11	τ ſocorria.		τ ſocorryia·
40e12	¶ Cõ voz de pranto dorida	815	¶ Com voz de pranto dorida
40e13	como quem morte defeja		
40e14	muyto mays que ter tal vida		
40e15	ſalaua cõ dor creçyda		ſalaua com dor creçyda
40e16	dizendo nam ſey que ſeja.		
40e17	Quẽ me daa vida deſpoje	820	quem me daa vida deſpoje
40e18	ca de males tã dobrados		Ca de males tam dobrados
40e19	de tal forte		
40e20	a primeyra couſa que foje		
40e21	oos triftes deſeſperados		
40e22	he a morte.	825	he a morte
40e23	De ſeus olhos mays chorãdo		
40e24	do que falar me podia		
40e25	com mil dores ſoſpirando		
40e26	ſuas chagas ma moſtrando		
40e27	cõ cas minhas açendia.	830	com cas minhas açendia.
40e28	Cõ grã dor de meu peſar		Com grandor de meu peſar
40e29	deſque piadade de mym		des que piadade de mym
40e30	a vençeo		
40e31	me começou de falar		
40e32	neſta maneyra em fym	835	
40e33	me rreſpondeo.		
40e34	¶ Tal ãueja v' tẽ dado		¶ Tal emueja v' tendado
40e35	minha grande ſaudade		
40e36	que mal tã deſeſperado		que mal tam deſeſperado
40e37	queſteſtes ſeguir forçado	840	quiſteſtes ſeguyr forçado
40e38	ſem ter de vos piadade		ſem ter de vos piadade .
40e39	Fortuna que ſempre ordena		Fortuna que ſenpre ordena
40e40	tanto mal conſentimentos		tanto mal com ſentimentos
40e41	cada dia		
40e42	por dobrar mays voſſa pena	845	
40e43	quys a meus grãdes tormẽtos		quys ameus grãdes tormẽtos

40e44	dar companhia		
40f01	¶ Eftando neftes pefares		
40d02	como morta minha vida		
40f03	ja n' infernaes luguares	850	
40f04	com tormentos a milhares		
40f05	de gram pena defmedida		de gram pena defmedyda.
40f06	Na volta dos mays perdidos		Na volta dos mais perdidos
40f07	andaua com dor chorando		
40f08	tam defigual	855	tam defygual
40f09	com taes prantos τ gemidos		
40f10	que fazia eftar olhando		
40f11	todos meu mal.		
40f12	¶ Da li me veo tyrar		¶ Da ly me veo tyrar
40f13	quem me forçara feguyr	860	
40f14	caminho de tal pefar		
40f15	que nam fe pode cobrar		
40f16	nenhuñ mal nem rredemyr		
40f17	moftando me verdadeira		moftandome verdadeyra
40f18	fym damores de feu mall	865	
40f19	o gualardam		ogalardam
40f20	cantando defta maneyra		cantando defta maneira
40f21	como quem com voz mortal		
40f22	lança pregam.		
40f23	¶ Fym.		
40f24	¶ Dos amores o que fento	870	
40f25	todo ho vyuo comtempre		todo o vyuo contempre
40f26	que prazer que daa tormento		
40f27	he gloria de huñ momento		
40f28	que condena pera fempre		que condena pera fempre.
40f29	E feu bem he de tal forte	875	τ feu bem he de tal forte
40f30	em prazer que daa triftura		
40f31	com tanto mal		
40f32	que fe faz eterna morte		
40f33	com pena que fempre dura		
40f34	muy mortal	880	muy mortal.